

Santo Agostinho

A Ordem

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2018

A ordem

Santo Agostinho

Introdução¹

1

Na mesma época em que escrevi o livro **Contra os acadêmicos**, escrevi também outro sobre **A ordem**, onde trato da grande questão de saber se a ordem da divina Providência contém todos os bens e os males.

Mas, como observei que esta matéria, tão difícil de compreender, só poderia com muito esforço penetrar, através de um debate, no intelecto de meus interlocutores, eu preferi falar da ordem a ser observada nos estudos, com a qual se pode, partindo das coisas corpóreas, chegar até as coisas incorpóreas.

2

Mas me desagrada nesse livro ter pronunciado também a palavra *fortuna*.

Lamento também ter acrescentado *do corpo*, quando enumerei os sentidos, como, igualmente, ter louvado muito as ciências liberais, que são ignoradas por muitos santos e que muitos conhecem sem serem santos.

¹ Das *Revisões*. Cap. III.

Estou incomodado também por ter falado das Musas, mesmo em tom jocoso e como se fossem deusas; por ter considerado a admiração um defeito e por dito que filósofos sem uma piedade verdadeira tinham brilhado com o esplendor da virtude.

Da mesma forma ___ não de acordo com a fé de Platão e dos platonianos, mas por mim mesmo ___ eu admiti a existência de dois mundos: um sensível e outro inteligível e cheguei até mesmo a supor que Nosso Senhor havia desejado ensiná-lo, por que ele não disse “Meu reino não é do mundo”, mas, *Meu reino não é deste mundo*².

A base destas palavras pode ser alguma expressão consagrada pelo uso. Em todo caso, se o Senhor teve em vistas um outro mundo, esse mundo deve mais convenientemente ser entendido como aquele em que haverá *uma nova terra e novos céus*, quando então esta prece será cumprida: *Venha a nós o vosso reino*³.

Na verdade, Platão não se equivocou quando disse que há um mundo inteligível. No entanto, temos que ter cuidado de prestar atenção à própria coisa e não em palavras que, sobre este tema, não estão nos costumes da Igreja. Ele chamou de mundo inteligível a razão eterna e imutável através da qual Deus fez o mundo. Se negássemos essa razão, seria preciso admitir que Deus fez o que fez sem razão. Ou então que, enquanto ele o fazia, ou antes que o fizesse, ele não sabia o que fazia. Isto teria acontecido se ele não tivesse com ele a razão para fazê-lo. Se

² João 18: 36.

³ Mateus 6: 10.

então, a razão estava com ele, o que não se pode duvidar, é dela que Platão parece ter querido falar quando falou de mundo inteligível. No entanto, se já estivéssemos suficientemente avançado nas ciências eclesiásticas, não teríamos utilizado este termo.

3

Desagrada-me também que, após ter dito: *Apliquemo-nos com todas as nossas forças na melhoria de nossas vidas*, eu logo acrescentei: *Caso contrário, nosso Deus não poderá nos atender, enquanto que ele atende facilmente aqueles cuja vida é boa*⁴.

Pode-se inferir destas palavras que Deus não ouve os pecadores. Alguém disse isto no Evangelho, mas ele não conhecia ainda Cristo, que já lhe tinha aberto os olhos do corpo⁵.

Lamento ter louvado tanto o filósofo Pitágoras. Quem escutasse ou lesse esses louvores poderia pensar que acredito que não haja erros na doutrina pitagórica, enquanto que, há muitos deles e capitais.

Esta obra começa assim: *Pesquisar a ordem das coisas e discerni-la no que ela tem de particular para cada ser; descobri-la e explicá-la nessa universalidade que abrange e rege o mundo; esta é, Zenóbio, uma tarefa difícil e da qual poucas pessoas são capazes.*

⁴ Livro II, cap. 52.

⁵ Cf. João 9: 30 e 31. *Sabemos, porém, que Deus não ouve a pecadores, mas atende a quem lhe presta culto e faz a sua vontade. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.*

Livro I

Capítulo I

Pesquisar a ordem das coisas e discerni-la no que ela tem de particular para cada ser; descobri-la e explicá-la nessa universalidade que abrange e rege o mundo; esta é, Zenóbio, uma tarefa difícil e da qual poucas pessoas são capazes.

Além disso, estivesse este trabalho ao alcance de alguém, o que excederá seu poder será encontrar um ouvinte em que a pureza de sua vida ou uma certa dose de instrução o tornaria apto a apreender coisas tão divinas quanto obscuras.

Não há nada, no entanto, que estimule mais o desejo dos maiores gênios. Nada como esta questão para fazer arder para entender e penetrar aqueles que olham os obstáculos e as tempestades desta vida com uma frente nobremente elevada: como, por um lado, Deus cuida das coisas humanas e como, por outro lado, essas coisas humanas são infectadas por uma perversidade tão grande, que somos tentados a não atribuí-las ao governo de um Deus e nem mesmo ao governo de um escravo, a quem fosse concedido o poder supremo.

Desta forma, aqueles que se ocupam com estas questões se veem na necessidade de acreditar, ou que a Divina Providência não chega até os últimos e ínfimos detalhes, ou que todo o mal é cometido pela vontade divina. Ambas as conclusões são ímpias; sobretudo a segunda.

Se é um erro, se é até mesmo perigoso para o espírito acreditar que Deus negligencia seja o que for, jamais, dentre os próprios seres humanos, imputou-se a alguém um crime por causa de sua impotência e uma censura por negligência é muito menos grave do que uma acusação de malícia e de crueldade.

Assim, a razão saudável, que não abre mão da piedade, é como que forçada a acreditar que as coisas terrestres não podem ser dirigidas pelo céu ou que o céu as negligencia e desdenha delas, mais do que as conduz de uma maneira própria para justificar toda queixa erguida contra Deus.

Capítulo II

Mas, onde está o espírito tão cego que hesitaria em reportar ao poder e à administração divina tudo o que há de racional no movimento dos corpos que escapam aos desígnios e à vontade humanos? Seria preciso então que se atribuísse ao acaso a conformação e a medida tão bem combinada e tão engenhosa dos membros, mesmo dos menores animais ou que o efeito negado ao acaso possa ter outra causa além da razão, ou mesmo que, arrastados por fúteis e ridículas opiniões, nós tenhamos a imprudência de subtrair, da direção misteriosa da majestade suprema, a ordem devida à natureza universal que nos faz admirar, em cada objeto particular e onde não existe nada da ação humana.

Mas, a questão maior é que os membros de um inseto são admiravelmente dispostos e distintos entre eles, enquanto que a vida humana é perturbada por incessante agitação de inúmeras tempestades.

Assim, uma pessoa cuja visão seja tão estreita que só enxergue, em um quadro de mosaico, um só pedacinho, acusaria o artesão de ter ignorado a simetria e as proporções. Incapaz de abranger no conjunto e nos detalhes, as peças que contribuem para a unidade do belo quadro, ela tomaria como uma desordem a variedade de pedras preciosas.

Não é diferente com certas pessoas pouco instruídas. Incapaz que é seu fraco espírito de abranger e abarcar a ligação e a harmonia universais, elas imaginam, quando têm sua atenção despertada por algo que tem para elas importância, que há uma grande desordem no universo.

Capítulo III

A principal desse erro é que o ser humano é desconhecido para ele mesmo. E, para se conhecer, ele precisa se exercitar por muito tempo a se retirar de seus sentidos⁶, voltar sua mente para ele mesmo e se manter no interior. Somente assim ele consegue que cauterizem, na solidão, as chagas de certas opiniões que nos atingem diariamente no curso da vida ou que elas se curem com a ajuda dos estudos liberais.

Assim, voltada para ela mesma, a mente compreende a beleza do universo, que deve, principalmente, seu nome, à unidade. É por isso que essa beleza não poderia ser contemplada pela alma que se joga a tantos

⁶ Cf. *Retratações*, livro I, cap. 3, n. 2.

objetos e cuja avidez só produz a indigência e da qual só se pode escapar separando-se da multidão. Por multidão, eu não quero dizer a de pessoas, mas sim a multidão de tudo o que atinge os sentidos.

Não é de se espantar que, quanto mais queremos abraçar, mais é nossa carência. Qualquer que seja a extensão do círculo, há um meio para onde tudo converge e que os geômetras chamam de centro. E, embora todas as partes da circunferência possam se dividir ao infinito, só há, no entanto, um ponto central que esteja a igual distância dos outros pontos e que os domina igualmente, por que ele tem sobre eles um direito legal. Ao sair dele para se jogar de um lado para o outro, você perde tudo, ao procurar as partes. Da mesma forma, a mente que se espalha para fora dela, divaga em uma certa imensidão e acaba presa de uma mendicidade real. Sua natureza exige que ela procure em toda parte a unidade e a multidão não permite que ela a encontre.

Capítulo IV

Mas, o que significa o que acabo de dizer? Qual é a causa dos erros de nossa mente? Como todas as coisas concorrem para a unidade e se encontram perfeitas nelas mesmas, devemos, no entanto, fugir do pecado?

Você compreenderá, seguramente, meu caro Zenóbio. Eu conheço bem sua genialidade, tua alma apaixonada por toda beleza, isenta de qualquer mácula e de qualquer paixão desordenada. Esta promessa de uma sabedoria futura, prescrita em você em nome do direito divino,

contra as cobiças funestas e a atração pelas falsas volúpias não te fará abandonar os interesses adequados. Isto seria uma prevaricação cuja vergonha só poderia ser ultrapassada pelo perigo.

Você compreenderá então tudo isso, acredite-me, quando você tiver se aplicado ao estudo cujo efeito é purificar e cultivar nossa mente, que é incapaz, sem isso, de receber a divina semente.

O conjunto e a natureza desses estudos, a ordem que eles exigem, o que a razão promete às pessoas puras e estudiosas, seja qual for a vida que levem aqui seus amigos e seja fruto que nos propicie um honesto descanso, esses livros, eu espero, o ensinarão. Teu nome os tornará mais caros ainda que nosso trabalho. Sobretudo se, por uma escolha melhor, você quiser se submeter a essa ordem que é o tema desta obra e a ela se conformar plenamente.

Capítulo V

Dores de estômago me obrigaram a abandonar minha cátedra. Eu, que você sabe, mesmo sem ser obrigado a isso, buscava me refugiar no seio da filosofia, me retirei imediatamente para a casa de nosso amigo Veredunco.

Preciso dizer o prazer que ele teve com isso? Você conhece a incomparável benevolência dele com relação a todos e particularmente com relação a nós. Conversamos entre nós sobre tudo o que nos pareceu útil, tendo o cuidado de registrar tudo com o estilete; o que eu achei vantajoso para minha saúde enfraquecida.

De fato, como eu estava atento a todas as minhas palavras, não escapou em nossa conversa nenhuma contenção mais ardente e se quisermos escrever qualquer coisa sobre nossas conversas, não seria preciso outra linguagem e nem um esforço de memória.

Meus colaboradores eram Alípio e Navínio, meu irmão, bem como Licêncio, que acaba de se dedicar à poesia com um enlevo surpreendente. Ao grupo se juntou também Trigécio, que ama a história, na qualidade de veterano. Depois, nos ajudamos com nossos livros.

Capítulo VI

Uma noite, estando acordado, como de costume, me ocupei em silêncio com o que me vinha à mente, não sei de onde. O desejo de encontrar a verdade já tinha me acostumado a meditar assim e, de acordo com os movimentos de meus pensamentos, passava sem sono a primeira ou a segunda parte e quase sempre a metade da noite.

Eu não me deixava enlevar pelos estudos de meus alunos. Eles trabalhavam durante o dia somente e eu teria condenado como excesso se eles se consagrassem a noite também a esse trabalho. Eu também tinha lhes dado uma ordem para se dedicarem a uma ocupação distante de seus livros e que acostumassem suas mentes a permanecerem nelas mesmas.

Então, eu estava acordado __ como já disse __ e eis que o som da água que escorria nos banhos ali perto atingiu meus ouvidos e eu o observei mais atentamente do que de costume. Eu achei completamente

estranho que a mesma água, chocando-se com os mesmo seixos, produziu um som, uma hora mais suave, outra hora mais agressivo. Comecei a me perguntar a causa disso e nada descobri.

Mas Licêncio, batendo de seu leito na madeira próxima, assustou uns ratos que o importunavam. Soube então que ele estava acordado.

“Licêncio”, eu lhe disse, “você observou __ pois vejo que sua musa acendeu uma vela para trabalhar __ o som diferente dessa água?” “Sim”, ele disse, “isso não é novo para mim. Uma noite, sem conseguir dormir, o desejo por um tempo bom aguçou meus ouvidos e eu escutava se a chuva caía. A água murmurava como esta”.

Trigécio falou a mesma coisa. Ele também, deitado em seu leito e no mesmo cômodo, acordou sem que percebêssemos, pois nós estávamos no escuro, o que é quase necessário na Itália, mesmo aos ricos.

Capítulo VII

Vendo que toda minha escola, tal como era então __ pois Alípio e Navígio estavam na cidade __ também não dormia, como eu e que o ruído da água me convidava a dizer umas palavras, eu disse: “De onde vocês acham que vem essa diferença no murmúrio da água? Pois, não achamos que alguém, a esta hora, possa estar perturbando a corrente d’água, seja ao passar por ela, seja lavando ali alguma coisa”.

“O que pensar”, disse Licêncio, “se não são as folhas. Como estamos no outono, elas caem continuamente e com abundância, se juntam no leito estreito da corrente, são empurradas e, algumas vezes, são

forçadas a ceder. Quando a água que as empurra se escorre, elas se juntam e se empilham novamente. Ou então, a queda desigual das folhas que flutuam ocasiona algum outro fenômeno que interrompe ou acelera o curso da água”.

Isso me pareceu provável. Eu não tinha outra explicação e concordei com Licêncio, cujo espírito eu louvei. Apesar de minhas longas pesquisas, eu não pude explicar por que este fenômeno era assim.

Capítulo VIII

Após um instante de silêncio, eu disse: “Você tinha razão ao não se espantar e se manter interiormente preso a Calíope⁷”.

“Eu tinha razão, mas você, por sua vez, me dá um grande motivo de espanto”, ele respondeu.

“Qual?”, eu disse.

“É que você se espantou com isso”, ele replicou.

“E de onde vem o espanto, comumente? Qual é a mãe deste defeito, se não é uma coisa inabitual, fora da ordem manifesta das coisas?”, eu disse.

“Fora da ordem manifesta, concordo. Mas nada me pareceu acontecer fora dessa ordem”, ele respondeu.

Senti então uma esperança mais viva do que o comum, quando interrogo esses rapazes, ao ver que a mente de Licêncio, recém-iniciada

⁷ Primeira das nove musas da mitologia grega. Musa da poesia épica e da ciência em geral.

nesses estudos, tinha chegado a uma concepção tão elevada e tão súbita, sem que tivéssemos debatido ainda nenhuma questão dessas matérias.

Eu lhe disse então: “Muito bem, muito bem. Está tudo bem e você compreendeu muito e realizou muito. Creia-me, você ultrapassa em muito Hélicon⁸, ao cume do qual você se esforça por chegar. Mas defenda sua opinião, pois vou atacá-la”.

“Deixe-me comigo por um instante, eu lhe peço, pois minha mente está focada em outro tema”, ele replicou.

Mas eu, temendo vivamente que, absorvido pela poesia, ele fosse jogado para bem longe da filosofia, disse, encolerizado: “Enquanto você prossegue cantando e gritando esses versos de todas as medidas, vai se erguer entre você e a verdade um muro mais espesso do que entre seus amantes fabulosos. Estes, pelo menos, suspiravam, um após o outro, através das fendas da muralha”.

Licêncio tinha começado então a cantar Píramo⁹.

Capítulo IX

Como eu tinha falado em um tom mais severo do que ele esperava, ele se calou um instante.

Quanto a mim, deixando aí a conversa começada, recuperei o controle, para não me ocupar inútil e desajeitadamente com um homem tão preocupado com seu assunto.

Mas ele disse:

⁸ Monte da Grécia, celebrado em sua mitologia por possuir duas fontes consideradas sagradas pelas musas.

⁹ Ovídio. *Metamorfoses*, IV, 55.

__ A meu ver, sou tão infeliz quanto um rato, como disse Terêncio¹⁰. Mas talvez me aconteça o contrário do que ele acrescentou: *Hoje me perdi*. Quanto a mim, talvez seja hoje que serei encontrado. Se você não despreza os áugures que a supertição tira dos ratos, se o ruído que fiz foi para este ou aquele rato um sinal que fez você saber que eu estava acordado, se há sabedoria em entrar em seu quarto e ali repousar, por que, por minha vez, o ruído de sua voz não me avisaria para filosofar antes de cantar? Pois esta é nossa verdadeira e inabalável morada, como comecei a acreditar, diante das provas que você fornece a cada dia. Se, então, isso não vai te incomodar e você julga a propósito, pergunte-me o que quiser. Defenderei com todas as minhas forças a ordem das coisas e sustentarei que nada pode ser feito fora dela. Eu a tenho tão concebida e gravada em minha mente que, se eu tiver que ser convencido neste debate, não atribuirei minha derrota à imprudência, mas à própria ordem e não será a ordem, mas Licêncio que será vencido.

Capítulo X

Retornei então a eles com uma alegria renovada.

Perguntei a Trigécio:

__ O que te parece?

Ele respondeu:

__ Eu me inclino muito pela ordem, mas ainda estou incerto e desejo que um tema dessa importância seja debatido muito seriamente.

¹⁰ *O eunuco*, 5, 1024.

Eu disse:

— Conte com isso, pois, quanto às suas incertezas, acredito que você tem isto em comum com Licêncio e comigo.

Disse Licêncio:

— Quanto a mim, estou seguro dessa opinião. Por que temeria destruir, antes que esteja inteiramente erguida essa muralha que você mencionou? A bem dizer, a poesia não poderia me desviar da filosofia, na medida em que o desespero encontrar a verdade.

Então, Trigécio, alegremente disse:

— Felicidade inesperada! Licêncio não é mais acadêmico! Normalmente ele os defenderia muito arduamente.

Mas ele diz:

— Silêncio quanto a isto, por enquanto. Não quero que esta lembrança perigosa me arrebate e me tire desse não sei que de divino que começou a se mostrar a mim e ao qual me abandono, com avidez.

Sentindo então em mim uma felicidade tão grande quanto eu jamais ousei desejar, pronunciei este verso com enlevo:

— *Queira o pai dos deuses, queira o grande Apolo, que você comece!*¹¹ Por que ele nos guiará, se o seguirmos para onde ele nos ordena ir e para onde ele quer nos fixar. É ele que nos dá o augúrio e penetra nossas mentes.

Não é, de fato o grande Apolo que __ provocado nas cavernas, nas montanhas, nas florestas, pelo vapor dos incensos e a oferenda dos

¹¹ Virgílio. *Eneida*. Livro X, versos 875.

animais __ enche de fúria poética as pessoas. É outro, certamente, superior e verdadeiro. Mas, para que julgar com palavras? A verdade é a mesma e ela tem como poetas todos aqueles que podem ser sábios.

Comecemos então, Licêncio, apoiados na piedade que praticamos. Sufoquemos com nossos pés o fogo pernicioso das nossas fumegantes paixões.

Capítulo XI

“Pois bem! Pergunte!”, ele disse, “Eu te peço. Suas palavras e as minhas bastarão, talvez, para explicar não sei que de bem grande”.

Eu repliquei:

__ Responda-me primeiro de onde vem que essa água não te parece correr ao acaso, mas com ordem. Que ela corra em pequenos condutos de madeira e que ela seja destinada às nossas necessidades, isso pode se dever à ordem. É o trabalho humano agindo com razão. Foi desejado que, na mesma corrente, se pudesse beber e se lavar, como pediam as necessidades dos lugares percorridos. Mas, se essas folhas, como você disse, caíram de maneira a produzir o ruído que nos intrigou, a que ordem de coisas relacionar esse fato? Isto não aconteceu ao acaso?

Ele respondeu:

__ Quem vê claramente que nada pode acontecer sem uma causa, poderá compreender que essas folhas poderiam ou puderam cair de forma diferente?

O quê?! Você quer que eu explique a situação das árvores e dos ramos, o peso natural das folhas? Que eu tenha que explorar a mobilidade do ar onde elas volteiam, sua lentidão em cair e suas quedas que variam segundo a temperatura, seus pesos, sua configuração e tantas causas obscuras? Tudo isso escapa aos nossos sentidos e lhe escapa inteiramente.

No entanto ___ e é o que basta à questão colocada ___ eu não sei como, não é obscuro para nossa mente que nada acontece sem uma causa.

Um questionador importuno poderá continuar e perguntar por qual motivo as árvores foram plantadas lá? Eu responderei que isso foi feito por causa da fertilidade da terra. Mas, se as árvores são estéreis e produzem ao acaso, eu responderei que não entendemos tudo e que a natureza que as produz não faz nada ao acaso.

Por fim, ou prove-me que há efeitos sem causa ou acredite que nada acontece fora da ordem certa das causas.

Capítulo XII

Eu repliquei:

___ Embora você me chame de questionador importuno e me seja difícil não sê-lo, já que interrompi seus colóquios com Píramo e Tisbé, continuarei, no entanto, a te questionar.

Nessa natureza, onde você quer nos mostrar tanta ordem, para que ___ para não dizer uma multidão de outras coisa ___ foram criadas essas mesmas árvores que não produzem frutos?

Como ele procurava o que dizer, Trigécio replicou:

___ As árvores só podem servir aos seres humanos com seus frutos? Quanto outros benefícios são devidos à sombra, à madeira, enfim, aos próprios ramos e às folhas?

Licêncio retomou:

___ Eu te peço que não responda assim às suas questões. Há uma massa de objetos que poderíamos citar aqui e que não têm, para o ser humano, nenhuma utilidade. Ou, no mínimo, uma utilidade tão escondida e insignificante que as pessoas ___ e nós, sobretudo ___ não podemos descobri-la e nem defendê-la. Que nos seja dito como nada pode ser feito sem uma causa pré-existente.

Eu disse:

___ Mais tarde falaremos disto. Não é necessário ainda que eu diga, pois você proclamou uma certa ordem universal. Eu procuro avidamente conhecê-la. Eu dedico meus dias e minhas noites a ela e você não me disse nada ainda sobre esta grave questão.

Capítulo XIII

Ele disse:

__ Onde você me coloca? É por que eu te sigo com mais agilidade do que essas folhas seguem os ventos que as jogam na corrente e pelos quais seria pouco cair, se elas não fossem arrastadas?

Seria diferente, se Licêncio resolvesse ensinar a Agostinho os graves problemas da filosofia? Deixe de se rebaixar e de me elevar tanto, pois, em filosofia, não passo de uma criança e, quando questiono, pouco me importa por quem me responde Aquele que a cada dia acolhe minhas queixas.

Um dia, espero, você será seu oráculo e talvez esse dia não esteja tão distante. No entanto, as pessoas mais estranhas a esses estudos podem nos ensinar alguma coisa, quando são pressionadas em uma reunião onde são discutidas, debaixo de chicote, essas questões. E o que elas podem nos ensinar não é pouca coisa.

Você não vê __ e eu tomo de boa vontade sua comparação __ que essas folhas levadas pelo vento, que flutuam na água, enfrentam algumas vezes a vaga que as empurra e pregam às pessoas a ordem universal, contanto que a tese que você defende repouse sobre a verdade?

Capítulo XIV

Então, pulando de alegria em seu leito, ele clamou:

__ Santo Deus! Quem negará que vós regeis todas as coisas com ordem? Como tudo se encaixa! Como tudo se encadeia com precisão e sucessivamente em seus próprios elos! Que grandes e numerosos even-

tos nos levaram a falar assim! Quantas coisas aconteceram para se revelarem a nós!

Não foi essa mesma ordem que fez com que despertássemos, que você tenha observado esse ruído, que você tenha procurado sua causa em você mesmo e que essa causa, com um efeito tão pequeno, você não a tenha encontrado? Um rato vem e eis que ele me coloca em cena.

Enfim, suas próprias palavras __ talvez sem que você tivesse a intenção, pois o que vem à nossa mente nem sempre está em nosso poder __ se apresentam, eu não sei como e me dizem o que eu preciso te responder.

Eu te pergunto, segundo sua intenção, nossas palavras são escritas e divulgadas bem longe entre as pessoas, não se verá nisso um acontecimento em que um grande adivinho, um caldeu consultado, soube prever antes que acontecesse? E, se ele o tivesse anunciado, ele não passaria por um adivinho? Ele não receberia os aplausos humanos, sem que, no entanto, ninguém ousasse lhe perguntar por que uma folha caiu, ou se foi um rato desgarrado que quis perturbar o repouso de um homem adormecido?

Alguns desses adivinhos nunca fizeram tais previsões? Seja espontaneamente, seja debaixo de violência?

Ora, se ele viesse a prever que você fará de tudo isto um livro, que não será sem mérito e se ele visse que será necessariamente assim, caso contrário, de fato, ele não poderá assegurá-lo, sem nenhuma dúvida os efeitos produzidos por uma folha que o vento leva pelos campos e

pelo último dos animais em uma casa, pertencerão assim, necessariamente à ordem, tanto quanto as letras de seu livro. Pois elas representam palavras que não teriam vindo ao seu pensamento e não teriam saído de sua boca para chegar à posteridade, sem os acidentes tão insignificantes quanto estes.

Então, eu lhe peço que não me pergunte mais por que cada coisa tem seu lugar. Basta-nos saber que nada acontece, nada se produz, sem que uma causa o tenha produzido ou colocado em movimento.

Capítulo XV

Eu repliquei:

— Vemos bem, rapaz, que você ignora o quanto se escreveu e quais homens escreveram contra a adivinhação.

Mas, diga-me agora, não se alguma coisa acontece sem causa, pois vejo que você não quer responder a esta questão, mas se essa ordem que você defende te parece um bem ou um mal.

Então, em um tom descontente, ele disse:

— Você não colocou a questão de maneira que eu possa responder sim ou não. Vejo aqui um certo meio termo e a ordem não parece um bem e nem um mal.

Eu disse:

— Mas, pelo menos, o que você vê como contrário à ordem?

Ele respondeu:

__ Nada. Como haveria algo de contrário ao que ocupa tudo e abrange tudo? Tudo o que seria contrário à ordem seria, necessariamente, fora de ordem e eu não vejo nada fora de ordem. Então, não se pode acreditar que haja algo contrário à ordem.

Trigécio questionou:

__ Então o erro não é contrário à ordem?

Ele respondeu:

__ De forma alguma. Não vejo ninguém errar sem uma causa e o encadeamento das causas é da alçada da ordem. O próprio erro, não apenas provém de uma causa, como também produz um efeito, do qual ele é a causa. Por isso, não estando fora da ordem, ele não pode ser contrário a ela.

Capítulo XVI

Trigécio se calou e eu, não podia conter meu contentamento, ao ver esse rapaz, filho de meu mais caro amigo e tornado assim meu filho, se erguer e crescer diante de mim, até à altura de um amigo verdadeiro.

Ele, cujos gostos não tinham me dado nenhuma esperança de que chegasse até mesmo a uma medíocre literatura, se lançava e com um só salto até o coração da filosofia, onde, com um só olhar, ele tinha visto seu domínio.

Enquanto eu o admirava em silêncio e imaginava como felicitá-lo, ele subitamente clama, como que inspirado:

— Oh, se eu pudesse dizer o que quero! Palavras, palavras, eu lhes imploro, onde estão vocês? Venham! Sim, o bem e o mal estão na ordem. Acredite se quiser, pois não sei como vou explicar.

Capítulo XVII

Admirei e me calei. Mas Trigécio, vendo-o se tornar mais afável, como que após uma embriaguês dissipada, retornou à conversa e disse.

— O que você disse, Licêncio, parece absurdo e muito distante da verdade. Mas, eu te peço, escute-me por um instante e não me perturbe com seus gritos.

Licêncio respondeu:

— Diga o que quiser, mas não temo que você tire o que vejo e quase já possuo.

Trigécio replicou:

Oxalá você não se desvie dessa ordem que você defende e que não se volte contra Deus, para suavizar minha expressão. O que há de mais ímpio do que dizer que o mal está contido na ordem? Não duvidemos: Deus ama a ordem!

Respondeu Licêncio:

— Ele a ama, realmente. A ordem emana dele. Ela está com ele. E, se podemos dizer algo de melhor sobre um tema tão elevado, reflita sobre isto, eu te peço.

Diz Trigécio:

__ Para que refletir? Eu tomo suas palavras tais quais elas são e o que eu compreendo delas me basta. Você disse que o mal está contido na ordem, que a ordem decorre de Deus e é amada por Deus. Segue-se daí que o mal vem de Deus e que Deus ama o mal.

Capítulo XVIII

Esta reflexão me fez temer por Licêncio. Mas ele, lamentando a dificuldade de se expressar e sem escolher o que diria, mas a maneira como diria, replicou:

__ Não! Deus não ama o mal e isto se deve unicamente por que seria contrário à ordem Deus amar o mal.

Ao mesmo tempo, ele ama muito a ordem, por que a ordem faz com que ele não ame o mal.

Mas então, como o mal propriamente poderia não estar na ordem, já que Deus não o ama e que é da ordem que o mal não seja amado por Deus? Que Deus ame o bem e não o mal, esta é uma ordem de coisas que te parece desprezível?

Assim, o mal que não ama Deus não está fora da ordem e, no entanto, Deus ama a ordem, pois, amando-a, ele não ama amar o bem e não amar o mal? Isto não é uma grande e bela ordem, uma disposição divina?

Essa ordem, essa disposição conservam, pela própria distinção, a harmonia das coisas e tornam mesmo necessário a existência do mal.

Assim, a beleza universal se forma com objetos contrários. Eles são como que as antíteses que nos agradam nos discursos.

Capítulo XIX

Em seguida, ele se calou por um instante. Depois, subitamente, se colocou ao lado do leito de Trigécio e disse:

— Eu te pergunto: Deus é justo?

Este manteve silêncio, profundamente espantado e estupefato, como confessou mais tarde, com as palavras que soprou subitamente a seu condiscípulo e seu amigo uma inspiração nova.

Durante esse silêncio, Licêncio continuou:

— Se você me responder que Deus não é justo, veja o que faz, você que, agora há pouco me acusou de impiedade. Mas, se Deus é justo, como nos ensinam e como nos faz sentir a própria necessidade da ordem, sua justiça consiste em distribuir a cada um o que lhe pertence.

Mas, que distribuição pode haver se não houver distinção? E que distinção haveria, se tudo for bom? O que você pode encontrar fora da ordem, se a justiça de Deus retribui aos bons e aos maus segundo os méritos de cada um? Concordamos todos que Deus é justo e tudo então está incluído na ordem.

Com Estas palavras, ele saltou do leito e, com uma voz mais suave, enquanto ninguém lhe dirigia a palavra, disse:

— Você não responde nada? Você, pelo menos, que me provocou?

Capítulo XX

Tomando a palavra, eu lhe disse:

— *Agora que este culto se apoderou de ti, eu cedo*¹². Mas, responderei o que acredito que seja o bem, durante o dia, que parece que se aproxima, a não ser que seja o brilho da lua na janela.

É preciso trabalhar, enquanto isso, Licêncio, para não deixar cair no esquecimento tais riquezas. Como pode você querer que as letras não exijam seu preço?

Eu te direi, então, toda minha opinião. Argumentarei contra você com todas as minhas forças e se você vencer, isso será meu triunfo tardio. Mas se o sofisma e a sutileza dos erros humanos, os quais tentarei defender, vierem a vencer sua fraqueza muito pouco alimentada com estudos científicos para medir forças com um Deus tão poderoso, isto indicará a você o tamanho da força que você deve adquirir, para retornar a ele com mais firmeza.

Quero também que a questão saia mais clara deste debate, pois vou levá-la a ouvidos que não são pouco delicados.

Nosso amigo Zenóbio, de fato, frequente e longamente tem debatido comigo a ordem das coisas. Eu jamais pude satisfazer suas profundas questões, seja por causa da obscuridade da matéria, seja por causa da brevidade do tempo. Esses frequentes adiamentos lhe causaram então muita impaciência e, para obter uma mais pronta e ampla resposta, ele me provocou através de um poema e um bom poema, o que deve

¹² Terêncio. *Ândria*, ato 4, cena 3, verso 730.

fazê-lo amá-lo ainda mais. Mas, enquanto você esteve tão afastado dos estudos, não pudemos lê-lo e não podemos nem mesmo hoje, pois sua partida foi tão súbita e tão tumultuada, que nada de tudo isso pôde nos vir à mente.

Ele teve, no entanto, a ideia de me deixar esse poema nas mãos, para que eu respondesse a ele.

Muitos motivos, enfim, me levam a lhe dedicar este debate. Primeiramente por que ele acontecesse por causa dele. Depois, sua benevolência para conosco exige que nós o informemos sobre nosso estilo de vida. Por fim, ninguém mais do que ele se alegrará com a esperança que você dá.

Quando eles estava aqui, sua amizade por seu pai ___ ou melhor, por nós todos ___ o fez se interessar por você. Ele desejava que eu alimentasse seu gênio nascente, do qual ele observava com cuidado algumas centelhas. Ele temia também que sua negligência viesse aumentar. E, quando ele souber que você também se exercita na poesia, ele ficará tão feliz que parece que o vejo exultar de alegria.

Capítulo XXI

Ele disse:

___ Você não poderá me fazer nada que me seja mais agradável. Mas, seja por que você deve rir de minha instabilidade e da superficialidade de minha idade, seja por que a vontade e a ordem do alto se realiza em mim, eu não temo dizê-lo: eu me sinto subitamente revigorado por

estes versos. Outra luz, uma luz bem diferente me inunda de, não sei que claridade.

A filosofia, confesso, é mais bela do Tisbé, do que Píramo, do que Vênus e Cupido e do que todos os amores. E eu agradeceria a Cristo, suspirando.

Eu o ouço falar assim e diria, por que não, com prazer. O que não direi? Cada um compreenderá como quiser; pouco importa. Mas, minha alegria foi talvez excessiva.

Capítulo XXII

Pouco tempo depois o dia apareceu, eles se levantaram e eu rezei muito, chorando.

Depois, ouço Licêncio cantarolando em um tom alegre estas palavras do Profeta: *Restaurai-nos, ó Deus dos exércitos; mostrai-nos serena a vossa face e seremos salvos*¹³.

Já na véspera, após o jantar, saindo para as necessidades da natureza, ele tinha cantado este verso de uma maneira distinta e minha mãe não pôde suportar que, em um lugar daqueles, se recitassem tais palavras.

De fato, ele não cantava outra coisa. Tendo aprendido há muito tempo este refrão, ele o amava como se ama uma melodia nova. Mas, a pia mulher, como você a conhece, o repreendeu, unicamente por que o

¹³ Salmo 79: 8.

lugar não era conveniente, por ser um banheiro e ele a respondeu, brincando:

__ Ora! Se algum inimigo me trancasse neste lugar, Deu não ouviria minha voz?

Capítulo XXIII

Essa manhã então, entrando sozinho, pois todos haviam saído pelo mesmo motivo, ele se aproximou de meu leito e disse:

__ Francamente, será de nós o que você quiser. Diga-me o que você pensa de mim.

Tomando então a mão desse rapaz, eu disse:

__ O que eu penso de você, você sente, você acredita, você compreende. Não foi em vão, eu acho, que você pediu por muito tempo ontem, ao Deus das virtudes, que ele se mostre a todos e que o converta.

Lembrando-se então daquelas palavras, com espanto ele disse:

__ O que você diz é tão importante quanto verdadeiro. Eu não estou pouco emocionado ao me lembrar de que recentemente tive tanta dificuldade para renunciar às frivolidades de meus poemas, enquanto que hoje eu só posso retornar a eles com vergonha e desgosto, de tanto que estou voltado para as coisas grandes e admiráveis. Isto não é uma verdadeira conversão a Deus? Eu me felicito também por ter rejeitado o escrúpulo supersticioso de cantarolar em um lugar daqueles.

Eu respondi:

__ Isto não me desagrada. Em minha opinião, a ordem exige que digamos alguma coisa. Pois vejo que eram convenientes o canto, o lugar que ofendeu minha mãe e a própria noite.

De que coisas você acha que pedimos a Deus que nos afaste, para nos convertamos a ele e ele nos mostre sua face? Não é das sujeiras do corpo e da alma, assim como das trevas que o erro nos envolveu?

Converter-se é diferente de erguer-se, através da virtude e da temperança, acima dos excessos do vício? O que é a face de Deus, se não é a verdade à qual aspiramos e pelo amor da qual nós nos purificamos e nos adornamos?

Ele clamou:

__ É impossível dizer melhor.

Depois, baixando a voz e como que ao ouvido disse:

__ Veja, eu te peço, como tudo contribui para me fazer acreditar que por nós acontece alguma coisa de acordo com uma ordem mais feliz.

Capítulo XXIV

Eu lhe digo:

__ Se você se preocupa com a ordem, você tem que voltar aos seus versos. Estudar as ciências liberais com moderação e empenho, eis o que prepara para a verdade os amigos que a abraçarão com mais calor, mais perseverança, mais cuidado, de sorte que a desejam com mais ar-

dor, a perseguem com mais constância e se dedicam a ela com mais ternura¹⁴.

É isto, Licêncio, o que chamamos de vida feliz. Quando esta expressão é mencionada, todos se erguem, como que estendendo as mãos, esperando que lhes seja dado o que anseiam os carentes e aqueles presos pelos laços de tantas doenças.

Mas, se a sabedoria lhes ordena suportar o tratamento do médico e se deixar curar com alguma paciência, imediatamente eles retornam para seus leitos. Enlanguescidos pelo calor de seus leitos, eles preferem o prazer despertado pelos pruridos de suas chagas voluptuosas do que seguir e sofrer as recomendações um pouco severas e desagradáveis do médico, para retornarem à saúde e à luz. Contentes em ter como apoio o nome e a ideia do Deus soberano, eles vivem na miséria, mas eles vivem.

Mas há outras pessoas, ou melhor, outras almas ainda unidas a corpos, que já são dignas de serem procuradas pelo melhor e o mais belo dos esposos. Para elas, não é suficiente viver, se elas não vivem felizes.

Portanto, retorne às suas musas. Mas, sabe o que desejo que você faça?

Ele disse:

__ Ordene o que quiser.

Eu lhe disse:

¹⁴ Cf. *Retratações*, livro II, cap. 3, n. 2.

__ Quando Píramo e sua amante se apunhalarem, como você deve cantar sobre seu corpo moribundo, você terá a mais favorável das oportunidades, nessa própria dor que deve provocar em seu poema a emoção mais viva. Deixe-se penetrar pelo horror ao amor degradante e às mulheres envenenadas que levam a esses deploráveis excessos. Depois, erga-se, para cantar o amor puro e sem mácula que, no meio da filosofia, une à inteligência as almas cultivadas pelo estudo e embelezadas pela virtude e que, não apenas fogem da morte, mas também desfrutam da vida feliz.

Ele refletiu por um bom tempo no silêncio e na hesitação. Depois, fazendo um movimento com a cabeça, saiu.

Capítulo XXV

Eu me levantei também e, após ter oferecido a Deus minhas preces de cada dia, tomamos o caminho do banho. Este lugar nos era familiar e se prestava ao debate, quando o mau tempo nos impedir de ir ao campo.

Mas eis que, perto da entrada, percebemos dois galos que se dedicavam a um combate muito violento. Paramos.

O que não olham, para onde não se dirigem olhos amigos? Eles procuram ver se em alguma parte aparecerá a beleza da inteligência que modifica e governa tudo pela ciência, bem como pela ignorância, que arrasta por toda parte seus discípulos esfomeados e se faz buscar por toda parte. Onde e em que lugar ela pode se revelar?

Assim, naqueles galos foi preciso ver suas cabeças estendidas para frente, suas plumas eriçadas do pescoço, seus choques violentos, suas manobras hábeis e, em todos os movimentos desses animais irracionais, nada que não fosse conveniente. Uma razão superior controlava tudo neles. Por fim, a lei imposta pelo vencedor, seu canto de glória e seus membros tomando uma forma quase circular, como que para afetar a pompa da dominação. O vencido, demonstrando sua derrota, levantando as penas de sua cabeça e na deformidade completa de sua voz e dos movimentos, não demonstrava nada que não fosse belo e em harmonia, não sei como, com as leis da natureza.

Capítulo XXVI

Nós nos colocamos então numerosas questões. Por que todos fazem a mesma coisa para dominar as fêmeas que lhes são submissas? Por que, além dessas considerações mais elevadas, nós encontramos no espetáculo do combate um certo prazer de espectadores? O que havia em nós que procurou coisas tão afastadas dos sentidos? O que havia ainda que se deixou dominar pela provocação dos sentidos? Questionávamos para nós mesmos: onde não havia a lei, onde não havia o império devido ao melhor, onde não havia a sombra da constância, onde não havia a imagem dessa beleza tão real, onde não havia a medida?

Por fim, alertados pelo próprio espetáculo, seguimos para onde era nossa intenção.

Lá, assim que foi possível, mas certamente com a devida prontidão, quando nossas reflexões ainda estavam frescas, escrevemos com cuidado esta parte de nosso livro, que compreende tudo o que havia sido dito durante a noite.

Não fiz outra coisa durante esse dia, para poupar minha saúde. Somente antes do jantar ouvi com eles a metade de um canto de Virgílio, segundo o costume e víamos por toda parte a medida das coisas. Ninguém pode deixar de concordar, mas é raro e difícil senti-la, quando se dedica ardentemente aos outros estudos.

Capítulo XXVII

No dia seguinte bem cedo, fomos alegremente nos sentar no lugar de costume de nossas reuniões. Como todos estavam atentos, comecei.

Aproxime-se, Licêncio, o máximo que você puder. E você também, Trigécio; nosso tema não é sem importância; estamos em busca da ordem.

É preciso agora que eu faça um elogio longo e pomposo à ordem, como se eu ainda estivesse naquela cátedra que eu me felicito por ter escapado, pouco importa de que maneira?

Por favor, esforce-se por ouvir o louvor mais curto e, em minha opinião, o mais verdadeiro que se pode fazer a um assunto desses.

É a ordem que nos conduz a Deus, se nós a seguimos nesta vida e, se nós não a seguimos nesta vida, não chegaremos a Deus. Ora, se não me engano, com relação a você, temos a pretensão e a esperança de que

chegue a ele um dia. Precisamos então nos empenhar para tratar esta questão entre nós e resolvê-la.

Eu gostaria de ver aqui aqueles que comumente se ocupam conosco de tais temas. Gostaria, se fosse possível, não apenas de vê-los aqui, mas também de vê-los tão atentos quanto você. Pelo menos todos os nossos amigos, cuja argúcia geralmente admiro. Sobretudo Zenóbio, que me provocou com este profundo tema e a quem não tive oportunidade de responder de maneira conveniente.

Mas, como eles não estão aqui, eles lerão nossos escritos, pois resolvemos não perder essas conversas, fixando-as por escrito, como que por um laço que guardará em nossas memórias as coisas que escapam delas muito facilmente.

Talvez seja isso que exigiu a ordem, ao permitir suas ausências, pois sua mente se coloca em uma atenção mais viva, ao ver que estamos encarregados de tratar de uma questão tão séria. E, quando esses amigos, que tanto nos interessam, nos lerem, se encontrarem dificuldades a nos apresentar, isto será motivo para novos debates. Eles nascerão deste e a própria sequência de nossas conversas se prestará para a ordem do ensino.

Agora então, como prometi, argumentarei contra Licêncio, na medida em que o tema permitir. Ele já quase terminou toda sua tese. Vejamos se ele poderá rodeá-la com uma forte e sólida muralha de defesa.

Capítulo XXVIII

Quando seu silêncio, suas expressões, seus olhos, a atitude e a imobilidade de seus membros me demonstraram que a importância do tema os tinha emocionado e eles ardiam pelo desejo de me ouvir, eu disse:

__ Então Licêncio, reúna em você todas as forças que puder, mobilize toda sua argúcia e dê-nos, em uma definição, todos os elementos da ordem.

Vendo-se forçado a uma definição, ele tremeu como que debaixo de uma ducha de água fria e, me lançando um olhar perturbado, com um sorriso temeroso, disse:

__ O que é isso? O que você pensa que eu sou? Realmente não sei de que espírito de aventura você acha que sou dotado.

E, animando-se subitamente, acrescentou:

__ Será que há algo em mim?

Depois, se recompôs e fez entrar em uma definição tudo o que ele conhecia sobre a natureza da ordem.

Erguendo-se em seguida, disse:

__ A ordem é o que dirige tudo o que Deus faz.

Capítulo XXIX

Eu respondi:

__ O que!? Deus não te parecer ser guiado pela ordem?

Ele replicou:

__ Seguramente eu creio nisso.

Objetou Trigécio:

__ Então Deus é governado

O outro rebateu:

__ Você nega então que Cristo seja Deus? Pois ele veio até nós obedecendo a uma ordem e ele mesmo se disse enviado por Deus, seu pai. Se foi então através de uma ordem que Deus nos enviou seu Cristo e se não negamos que Cristo é Deus, não apenas Deus guia tudo, mas ele mesmo é guiado pela ordem.

Então, Trigécio, com hesitação, disse:

__ Eu não sei como entender isso, pois, ao dizer Deus, não é o Cristo que nos parece vir à mente, mas o Pai. É o Cristo, pelo contrário, quando nós dizemos Filho de Deus.

Disse Licêncio:

__ Bela distinção que você nos fez! É preciso então negar que o Filho de Deus seja Deus?

Este, vendo um perigo em responder, se recuperou dizendo:

__ Na verdade, é Deus. No entanto, é o Pai que nós chamamos de Deus, propriamente.

Eu retomei então:

__ Pare! Não é impropriamente que o Filho é chamado de Deus.

Movido pelo sentimento religioso, Trigécio não queria que suas palavras fossem escritas. Mas Licêncio insistiu e quis que elas ficassem.

Eles agiam como crianças. O melhor, como quase todo mundo.

Ai! Tratamos então este tema por vaidade?

E, como eu condenei severamente essas disposições de ânimo de Licêncio, ele corou e percebi que Trigécio ria e se mostrava feliz com seu embaraço.

Então, me dirigindo a ambos, disse:

— Que comportamento o de vocês! Não se preocupam com o peso do vício, com as trevas da ignorância que nos esmagam e nos envolvem? Foi esta atenção de há pouco, este ânimo com relação a Deus e a verdade, que eu tive o erro de festejar?

Ah, se vocês vissem, mesmo com olhos doentes como os meus, em que perigos incorremos e de que tolice seu riso é o indicativo!

Oh, se vocês vissem, imediatamente, no mesmo instante e por muito tempo vocês transformariam esse riso em choro!

Infelizes! Não sabem onde estamos? Que os corações dos insensatos e dos ignorantes estejam mergulhados no abismo, esta é a sorte comum. Mas não é de uma e nem da mesma maneira que a sabedoria estende aos naufragos uma mão de socorro

Acreditem-me, há aqueles que são chamados do alto. Outros que são novamente mergulhados nos abismos. Eu vou peço: não se juntem à minha miséria. Tive o suficiente de minhas chagas. Quase todos os dias minhas lágrimas pedem a Deus a cura. Muitas vezes estive convencido de que sou indigno de obtê-la dele tão prontamente quando desejaria.

Parem então, eu vos peço! Se vocês têm por mim algum amor e algum respeito, compreenderão meu afeto por vocês, meu devotamento e minhas preocupações com sua educação.

Se não mereço sua indiferença, se posso vos assegurar, diante de Deus, que não tenho outras intenções por mim além de vocês, mostrem-se reconhecidos. E se você me chamam de mestre de forma bem intencionada, para minha recompensa sejam bons.

Capítulo XXX

Minhas lágrimas me impediram de continuar falando e Licêncio, que via com amargura que tudo estava sendo escrito, disse:

__ O que fizemos a você?

Repliquei:

__ Agora mesmo, você não admite seu erro? Você não sabe que em minha sala de aula, eu sofria muito ao ver o quanto os jovens estavam presos, não à utilidade e ao progresso de seus estudos, mas ao atrativo de fúteis elogios. Alguns até mesmo recitavam sem corar as composições dos outros e recebiam __ ó miséria infeliz! __ os aplausos daqueles mesmos cuja composição recitavam.

Vocês, sem dúvida, eu creio, jamais fizeram algo assim. Mas, é à filosofia, a esta vida que me regozijo por ter enfim abraçado que vocês tentam introduzir e espalhar o último e mais nocivo dos venenos: um ciúme pestilento, uma jactância inútil.

Talvez __ ai! __ por que afasto vocês de uma coisa tão inútil e tão perigosa, vocês diminuíam seu ardor pela ciência e, após terem extinguido o desejo de uma fama estéril, vocês o arrefeceram até ao torpor da inércia.

Pobre de mim! Ainda hoje tenho que suportar personalidades que só conseguem se livrar de um vício dedicando-se a outros vícios.

Disse Licêncio:

__ Você verá o quanto nos corrigiremos no futuro. Apenas te pedimos, por tudo o que nos é mais caro, que você nos perdoe e que mande apagar tudo isso. Poupe também nossos tabletes¹⁵, pois em breve não os teremos mais. Ainda não transcrevemos para os livros nada do que dissemos há muito tempo.

Replicou Trigécio:

__ Pelo contrário! Que nosso castigo seja permanente. Assim, essa fama que nos atrai tanto nos afastará de suas garras, golpeando-nos com seu chicote. Não devemos sofrer pouco, quando nossos escritos forem levados ao conhecimento de nossos amigos e familiares.

Licêncio concordou com isso.

Capítulo XXXI

Minha mãe entrou nesse momento e nos perguntou o quanto havíamos avançado, pois a questão lhe era conhecida.

¹⁵ Eles escreviam primeiro em tabletes de argila e depois transcreviam para pergaminhos.

Como eu havia recomendado que se transcrevesse nos tabletes sua entrada e sua pergunta, bem como todo o resto, ela comentou:

__ Alguma vez já se leu, nesses livros que você lê, uma mulher intervindo em tais debates?

Eu respondi:

__ Pouco importam os julgamentos dos orgulhosos e dos ignorantes que leem tão apressadamente os livros quanto saúdam as pessoas. Eles não se preocupam com o que eles são propriamente, mas com as vestes com que se cobrem e com a pompa que faz brilhar suas riquezas e sua sorte.

Quando se trata dos livros, eles não se preocupam com o que é a questão, com o objetivo buscado no debate, com as explicações dadas e com o caminho percorrido.

Alguns deles, no entanto, possuem disposições que não são desprezíveis. Eles receberam um verniz de humanidade e entram, de boa vontade, através de portas ornadas de dourado e de pinturas, nos temíveis santuários da filosofia. Foi para eles que, regra geral, se escreveram os livros que você conhece, como vejo através de nossas leituras.

Em nossa época __ só para citar um __ um homem memorável por sua genialidade, sua eloquência, pelas distinções e dons da sorte e, o que é melhor, pela elevação de seu espírito, Teodoro, que você conhece muito bem, trabalha para impedir que, nem hoje e nem mais tarde, ninguém, seja de qual classe pertença, possa lamentar os escritos de nossa época.

Quanto aos meus livros, é possível que alguns os encontrem e que, ao lerem meu nome, eles não digam: “Quem é este?”, para jogá-lo fora em seguida, mas que, movidos pela curiosidade e o amor ao estudo, eles sigam em frente, apesar da aparência humilde da capa. Então, eles não ficarão chateados em me ver filosofar com você e, sem dúvida, estarão longe de desprezar algum daqueles cujas palavras encontrarão em minhas páginas.

Esses interlocutores, de fato, são pessoas livres, o que basta para os estudos liberais e ainda mais para a filosofia. Além disso, são pessoas de elevada posição, por seu nascimento, no meio de seus concidadãos.

Os livros dos autores mais doutos nos mostram a filosofia até mesmo entre sapateiros e em condições mais baixas ainda da sorte. De suas mentes __ no entanto __ e de suas virtudes jorram um brilho tão intenso que, por nada neste mundo, eles gostariam, mesmo se pudessem, de trocar esses bens por qualquer outra honraria.

Encontrar-se-á também, eu acredito, pessoas que ficarão mais felizes em te ver filosofar comigo do que encontrar aqui belezas literárias ou pensamentos profanos.

Havia mulheres entre os antigos que se ocupavam com a filosofia e a sua me agrada singularmente.

Capítulo XXXII

Não quero, minha mãe, que você ignore o sentido da palavra grega que designa a filosofia. Ela significa, em latim, “amor pela sabedoria”.

Daí vem que as Santas Escrituras, que você medita com tanto ardor, não ordenam evitar e desprezar absolutamente todos os filósofos, mas os filósofos deste mundo¹⁶.

Que há outro mundo elevado bem acima de nossos olhos e que somente pode contemplar a inteligência das pessoas sensatas¹⁷, o próprio Cristo nos ensina suficientemente. Ele não diz: “O meu Reino não é do mundo”, mas sim, *O meu Reino não é deste mundo*¹⁸.

Querer nos afastar de toda filosofia seria nos condenar a não amar a sabedoria e meus escritos conteriam então uma censura contra você, se você não amasse a sabedoria; nenhuma censura se você a amasse mediocrementemente; bem menos ainda se seu amor pela sabedoria igualasse o meu.

Mas, como você ama a sabedoria muito mais do que ama seu próprio filho e sei, no entanto, o quanto o ama; como você fez nela tantos progressos que, nem o infortúnio, seja ele qual for, nem a própria morte te causariam qualquer temor, o que, aos olhos dos mais doutos é a difi-

¹⁶ Cf. Colossenses 2: 8. *Esteja de sobreaviso, para que ninguém o engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se apoiar em Cristo.*

¹⁷ Cf. *Retratações*, cap. 3, n. 2.

¹⁸ João 18: 36.

culdade suprema e, em sua opinião, o ponto culminante da filosofia, eu mesmo seria feliz em me fazer seu discípulo.

Capítulo XXXIII

Ela me respondeu, com um jeito agradável e pio, que eu jamais mentira tanto.

Por outro lado, eu percebera que tínhamos pronunciado muitas palavras que precisavam ser escritas. Havia o suficiente para um livro e não tínhamos mais tabletes.

Achei então que devia adiar a questão. Eu queria também poupar meu peito, pois as reprimendas que tive que fazer aos rapazes o tinham aquecido mais do que eu gostaria que tivesse acontecido.

Como partíamos, Licêncio me disse:

— Não se esqueça de quantas lições nós mesmos te oferecemos, sem que você pedisse, sobre essa ordem tão escondida e, no entanto, tão divina.

Eu respondi:

— Eu não me esqueço e não falta meu reconhecimento a Deus. E, já que você mesmo fez esta observação, eu não deixo de esperar que você a utilize para se melhorar.

Isto foi tudo o que fizemos nesse dia.

Livro II

Capítulo I

Poucos dias depois Alípio chegou.

Um sol brilhante tinha surgido. Um céu puro e uma temperatura tão agradável quanto possível nessa região durante o inverno nos convidaram a descer ao gramado onde nos reuníamos geralmente na intimidade.

Minha mãe também estava conosco. A vida em comum e um estudo atento me tinham mostrado há muito tempo o quanto seu espírito e seu coração estavam inflamados pelas coisas divinas. Em um debate muito importante que tive com meus convivas, por ocasião do meu aniversário e do qual fiz um livro¹⁹, sua inteligência tinha se revelado tão grande, que ninguém me parecia mais apto para a verdadeira filosofia.

Resolvi então fazer com que ela assistisse nossas conferências, quando tivesse tempo livre. Foi o mostrado no primeiro livro desta obra.

Capítulo II

Nós nos sentamos então o mais comodamente no lugar mencionado e, me dirigindo aos dois rapazes, disse:

— Apesar de minha severidade com relação a vocês, quando trataram como crianças de uma tema de tão grande interesse, me parece,

¹⁹ *A vida feliz.*

no entanto, que não é sem uma ordem e um favor de Deus que o tempo se consumiu em reprimendas feitas às suas superficialidades e um tema desses foi adiado até a chegada de Alípio. Eu já lhe expus completamente a questão e o ponto aonde tínhamos chegado. Assim então, Licêncio, você está pronto para defender sua definição e a causa que abraçou? Creio dever te lembrar de que você disse que a ordem é o princípio pelo qual Deus governa o mundo.

Ele respondeu:

__ Estou pronto, na medida em que posso estar.

Eu acrescentei:

__ Como então Deus governa tudo com a ordem? Você diria que ele também se governa com a ordem ou que a ordem preside a direção de tudo o que não é ele?

Ele retomou:

__ Onde tudo é bom não há ordem, pois aí há uma igualdade perfeita que não precisa de ordem.

Eu lhe disse:

__ Você nega então que, em Deus, tudo seja bom?

Ele respondeu:

__ De forma alguma.

Eu acrescentei:

__ Eu concluo que nem Deus e nem nada do que há nele são dirigidos pela ordem.

Ele concordou, dizendo:

__ Foi o que eu disse.

Eu insisti:

__ Mas então, para você, tudo o que é bom não existe?

Ele disse:

__ Pelo contrário, é o bem que existe verdadeiramente.

Eu questionei:

__ Onde está então tudo o que você disse? A saber, que tudo o que existe é regido pela ordem e que nada absolutamente está separado da ordem.

Ele retomou:

__ Mas há também o mal, que contribui para a ordem do bem. Não é somente o bem que é dirigido pela ordem, mas o bem simultaneamente com o mal. Quando dizemos tudo o que existe, não falamos somente do bem. Segue-se daí que a ordem reina ao mesmo tempo em tudo o que Deus governa.

Capítulo III

Eu continuei:

__ Tudo o que é governado e conduzido te parece em movimento ou imóvel?

Ele respondeu:

__ Tudo o que se faz no mundo está em movimento, admito.

__ E quanto ao resto, você nega?

Ele respondeu:

__ Tudo o que está em Deus, não se move. Todo o resto se move, em minha opinião.

Eu repliquei:

__ Mas, se você acha que tudo o que está em Deus não se move e se você admite o movimento para todo o resto, você nos diz que tudo o que é móvel não está em Deus.

Ele disse:

__ Repita sua objeção um pouco mais claramente.

Com isso eu acreditei nele menos uma dificuldade para compreender e mais um desejo de obter um prazo para elaborar sua resposta.

Eu retomei:

__ Você disse que tudo o que está com Deus não se move e que todo o resto está em movimento. Se então, tudo o que tem movimento deixa de tê-lo permanecendo em Deus, já que você recusa o movimento a tudo o que está em Deus, temos que concluir que tudo o que tem movimento está fora de Deus.

Licêncio se manteve em silêncio e, por fim, disse:

__ Parece-me que, mesmo neste mundo, se há coisas imóveis, elas estão com Deus.

Eu rebati:

__ Pouco me importa, pois você admite, creio, que não há movimento em tudo o que está neste mundo. Daí resulta que há coisas que estão neste mundo e que não estão em Deus.

__ Confesso: nem tudo está em Deus.

__ Logo, há coisas sem Deus.

“Não!”, ele respondeu.

__ Estão todas as coisas com Deus.

Após uma ligeira pausa, ele continuou.

__ Eu te peço que imagine que eu não disse que não há nada fora de Deus, pois tudo o que tem movimento não me parece estar em Deus.

Eu disse:

__ O céu então está fora de Deus, pois ninguém duvida de seu movimento.

Ele replicou:

__ Não, o céu não está fora de Deus.

__ Então há em Deus alguma coisa de móvel?

Ele replicou:

__ Eu não consigo expressar meu pensamento como eu gostaria, mas eu apelo à sua argúcia e, sem julgar muito minhas palavras, compreenda, se possível, o que vou tentar responder. Parece-me que nada existe fora de Deus e tudo o que está em Deus me parece igualmente imóvel. Mas, não posso dizer que o céu esteja fora de Deus, pois, não apenas, em minha opinião, nada existe fora de Deus, como também creio que há no céu alguma coisa de imóvel e que é verdadeiramente Deus ou está em Deus. No entanto, não levanto nenhuma dúvida sobre a rotação e o movimento do céu.

Capítulo IV

Então, eu disse:

__ Queira então nos definir o que é estar com Deus e o que é não estar sem Deus. Se só estamos em desacordo quanto às palavras, deixemos de lado as palavras, para que possamos compreender seu pensamento.

Ele replicou:

__ Eu não gosto de definir.

__ Mas então, o que faremos?

Ele respondeu:

__ É você que definirá, eu te peço, pois me é mais fácil ver o que me desagrada na definição alheia do que explicar meu pensamento através de uma boa definição.

Eu lhe disse:

__ Em sendo à sua confissão.

__ Você considera como estando em Deus o que Deus rege e guia?

Ele respondeu:

__ Não era este meu pensamento, quando eu disse que as coisas sem movimento estão em Deus.

Eu repliquei:

__ Veja então se esta definição te agrada: “Tudo o que compreende Deus está em Deus”.

Ele respondeu:

__ Aceito.

__ Mas o sábio não te parece compreender Deus?

Ele respondeu:

__ Ele o compreende.

__ Então, se os sábios estão em movimento, não somente em uma casa ou em um cidade, mas em regiões imensas, viajando por terra e por mar, como seria verdadeiro que tudo o que está em Deus é imóvel?

Ele disse:

__ Você me provoca risos. Por acaso eu disse que a própria ação do sábio está em Deus? É o que ele conhece que está em Deus.

Eu repliquei:

__ Então, o sábio não conhece igualmente seus livros, seu manto, sua túnica, o mobiliário de sua casa e tudo o mais que até os néscios também conhecem?

Ele disse:

__ Admito que esse conhecimento sobre o manto e a túnica não está em Deus.

Capítulo V

Eu retomei:

__ Eis então tudo o que você disse: nem tudo que é do conhecimento do sábio está em Deus, mas tudo o que há em Deus o sábio conhece.

Ele respondeu:

__ É exatamente isto, pois tudo o que ele percebe pelos sentidos corpóreos, não está em Deus, mas somente o que ele percebe pelo espírito. Eu até mesmo ousaria dizer mais. Sim, eu direi, para que sua apreciação me confirme ou me instrua. Todo aquele que só conhece pelos sentidos corpóreos não me parece estar em Deus e nem mesmo em si próprio.

Observei então pelas expressões de Trigécio, que ele queria dizer alguma coisa, mas que estava contido pelo medo de parecer pisar em terreno alheio. Como Licêncio se mantinha em silêncio, eu lhe permiti falar o que queria. Ele disse então o seguinte:

__ Tudo o que pertence às impressões corpóreas não me parece ser conhecido por ninguém, pois, uma coisa é sentir, outra é conhecer. Assim, todos os conhecimentos que podemos ter me parecem estar no intelecto e não só podem ser compreendidos por ele. Segue-se daí que, se colocamos em Deus tudo o que o sábio conhece através do intelecto, devemos colocar também em Deus todos os conhecimentos do sábio.

Licêncio concordou com a observação e acrescentou outra que eu não podia deixar de registrar. Ele disse:

__ O sábio está com Deus pois ele compreende a ele mesmo. Esta é a consequência do que você disse, a saber, que tudo o que compreende Deus está em Deus e de tudo o que nós mesmos dissemos, a saber, que colocamos em Deus tudo o que o sábio compreende. Mas, essa parte dele mesmo que percebe através dos sentidos __ que, creio, não deve

ser levada em conta, quando se fala do sábio __ confesso que não conheço e nem suspeito qual seja sua natureza.

Capítulo VI

Eu retomei:

__ Você nega então que o sábio possua, não digo uma alma e um corpo, mas uma alma completa, pois seria uma tolice não reconhecer na alma a faculdade que percebe através dos sentidos. Não são, de fato, os olhos e nem os ouvidos que percebem, mas, não sei que outra coisa que percebe através destes órgãos. Se não atribuímos ao intelecto essa faculdade de sentir, não podemos atribuí-la a nenhuma parte da alma. Resta então atribuí-la ao corpo e, até o presente, não imagino nada de mais absurdo.

Ele rebateu:

__ A alma do sábio, inteiramente purificada pela virtude e já ligada a Deus é digna, por sua vez, de ser chamada de sábia. Há, no entanto, a serviço de sua alma, como que máculas e relíquias dos quais ele se purificou, retirando-se para ele mesmo.

Se tudo isso deve ser chamado alma, não será menos verdadeiro que essas relíquias estão a serviço e sob a dependência dessa parte da alma que exclusivamente deve ser chamada de sábio. É mesmo nessa parte submissa que habita, eu creio, a memória que está a serviço do sábio, como um escravo ao seu domínio e que deve, se for submisso e domado, respeitar os limites da lei.

Servindo-se dos sentidos para tudo o que é necessário, não ao sábio, mas a ela mesma, a memória não deve procurar se erguer e se ensoberbar contra seu senhor, nem usar imoderadamente e sem regra do que lhe pertence, pois é a essa parte tão infinita que se deve reportar tudo o que se passa. No que, efetivamente, a memória se torna para nós necessária, se não é para o que é passageiro e nos escapa?

Esse sábio então se une a Deus. Ele se junta Àquele que permanece para sempre, que não deixa esperar o que quer que seja, nem teme o que não é mais, mas está sempre presente. É por isso mesmo que Ele é o ser verdadeiro.

Imóvel e impassível nele mesmo, esse sábio cuida do pecúlio de seu escravo. Ele quer que este o use como um servidor diligente e econômico, que o poupa e conserva.

Capítulo VII

Considerarei com admiração este pensamento, me recordando que um dia o tinha expressado rapidamente diante dele.

Sorrindo, lhe disse:

— Licêncio, agradeça seu escravo. Se ele não tivesse lhe dado seu pecúlio, talvez você não tivesse nada para apresentar. Pois, se a memória está nessa parte da alma que se abandona como um escravo à direção de uma avaliação saudável, foi ela, creio, que te ajudou a falar assim.

Antes então de retornar à ordem, que é nosso tema, não te parece que, por semelhantes motivos, ou seja, para os estudos honestos e necessários, o sábio precisa da memória?

Ele retomou:

— Como essa memória lhe seria necessária, já que ele tem presente, em suas mãos, tudo o que lhe pertence? Pois, não é para os objetos sensíveis, para o que está diante de nossos olhos, que pedimos ajuda à memória. Ora, o sábio tem tudo presente aos olhos interiores de seu intelecto. Isto quer dizer que ele contempla com um olhar fixo e imóvel o próprio Deus. O Deus que reúne nele tudo o que vê e possui o intelecto.

Eu lhe pergunto então: ele precisa da memória? Eu, se precisei dela para reter o que recebi de você, foi por que ainda não sou o senhor desse escravo. Uma hora eu sou dominado, outra hora me debato para me libertar e me animo, de alguma forma, para reivindicar minha liberdade.

Se algumas vezes eu comando, se ela me obedece, se ela geralmente me faz acreditar em uma vitória completa, logo, em outras ocasiões, ela volta contra mim e me castiga miseravelmente nos pés.

Desta forma, quando falamos de sábio, não me considere um; eu te peço.

Eu respondi:

— Nem eu tampouco. O sábio, no entanto, algum dia poderá abandonar os seus? Ele poderá, ao conduzir este corpo para onde ele re-

tém esse escravo sob a lei, esquecer, de alguma maneira a obrigação de fazer o bem a quem ele puder e, sobretudo, ensinar a sabedoria, o que lhe é pedido com insistência?

Por isso, para ensinar convenientemente e ser menos inábil, ele geralmente prepara o que deve dizer, para expor com ordem e isso lhe escapará, necessariamente, se ele não o confiou à sua memória.

Seria preciso então negar que a caridade seja um dever do sábio ou admitir que o sábio deve confiar alguma coisa à sua memória. Talvez você diga que ele confia à guarda desse servidor a parte de suas riquezas que ele precisou não para ele mesmo, mas para os seus e que, cuidando com fidelidade e de acordo com a maneira como seu mestre formou aquilo que este submeteu aos seus cuidados, o escravo só age no interesse dos insensatos que querem se tornar sábios?

Ele rebateu:

— Eu creio que o sábio não lhe dá absolutamente nada para guardar, pois eles está sempre fixado em Deus, seja em silêncio, seja conversando com as pessoas. Mas esse servidor, já bem treinado, guarda com cuidado o que ele deve apresentar ao seu mestre na conversa e, como esse mestre é muito justo, como ele se vê sob seu império, ele toma para si a tarefa de merecer suas boas graças no cumprimento de seu dever. Ele age assim não por racionalmente, mas por uma lei superior e ela ordem suprema.

Eu lhe disse:

— Agora, não resisto mais às suas razões. Terminemos logo o que começamos. Quanto a esta última questão, como ela não é sem importância e não podemos tratá-la superficialmente, examinaremos com cuidado sua natureza em outro dia, quando, de acordo com a ordem do próprio Deus, se apresentar a ocasião.

Capítulo VIII

O que é estar com Deus? Nós já o definimos. Eu havia dito: tudo o que compreende Deus está em Deus e vocês acrescentaram que nele também está tudo o que compreende o sábio.

O que me impressiona singularmente aqui é que, subitamente, vocês colocaram a ignorância em Deus, pois, se colocamos em Deus tudo o que o sábio compreende e se o sábio não pode evitar a ignorância que ele não compreende, então, o que é assustador de se dizer, essa horrível ignorância estará em Deus.

Impressionados com esta conclusão, eles permaneceram algum tempo em silêncio.

Trigécio intervém:

— Que responda aquele que veio tão oportunamente para este debate e cuja chegada nos causou, eu acho, uma alegria sem motivo.

Responde Alípio:

— Que Deus me ajude! Era então assim que devia terminar meu longo silêncio? Perturbaram meu repouso. Eu me esforçarei então para

satisfazer as solicitações de vocês, após ter salvaguardado o futuro e obtido de vocês que não me peçam mais do que esta resposta.

Eu retomei:

— Não é de seu feitio e nem de sua humanidade recusar em nossas conversas sua palavra. Sobretudo quando ela é desejada. Mas, continue, por favor. Termine o que você começou. O resto virá segundo a ordem que nos ocupa.

Ele disse:

— Tenho o direito de colocar, afinal, as mais belas esperanças nessa ordem, na discussão que você me fez entrar. Ora, se não me engano, o que fez acreditar que a conclusão desses rapazes associou a Deus a ignorância, é sua afirmação de que tudo o que compreende o sábio está em Deus.

Que sentido devemos dar a isto? Por enquanto eu o deixo de lado. Observe um pouco seu próprio raciocínio. Você disse: “Tudo o que compreende o sábio está em Deus e que ele só pode evitar a ignorância se compreendê-la”. Mas, não está claro que só pode ser chamado de sábio se conseguiu evitar a ignorância?

Também foi dito que tudo o que é compreendido pelo sábio está em Deus. Neste caso, não é ainda sábio aquele que compreende a ignorância para poder evitá-la. Quando ele for sábio, ele não precisará incluir a ignorância dentre as coisas que ele compreende.

É por isso que, se colocarmos em Deus tudo o que o sábio compreende, temos razão em afastar dele a ignorância.

Capítulo IX

Eu lhe disse:

— Esta resposta é sutil como todas as suas, Alípio, mas você a colocou no impasse onde estão as outras. No entanto, como eu acho que você também se considera um ignorante como eu, que faremos se encontrarmos um sábio que queira, através da educação e do debate, nos livrar de um mal tão grande?

Creio que deveríamos pedi-lo antes de tudo que nos mostrasse o que se entende por ignorância, quais são suas naturezas e propriedades. Não ousou dizer nada sobre você, mas, quanto a mim, ela me tem há tanto tempo que eu não a compreendo.

Esta é então a resposta que, segundo você, o sábio nos dará:

— Para saber isso de mim, você devia ter vindo quando eu era ignorante. Agora você pode se servir de mestres como você mesmo, pois eu, eu não compreendo a ignorância.

Na verdade, se eu recebesse esta resposta, eu não hesitaria em convidar esse sábio para nos acompanhar e buscarmos juntos outro mestre. Eu não compreendo perfeitamente a ignorância e, no entanto, não vejo nada de mais tolo do que esta resposta.

Ele corará, sem dúvida, por nos abandonar desta forma ou nos seguir. Ele entrará então no debate e nos desenvolverá longamente os inconvenientes da ignorância. E nós, com uma sábia prudência, escutaremos atentamente esse homem que ignora o que diz ou acreditaremos

que ele sabe o que não compreende. Ou então, segundo o raciocínio de seus clientes, a ignorância permanecerá em Deus.

As duas primeiras hipóteses não podem, em minha opinião, se sustentar. Resta então a última, que você não aceita.

Ele me respondeu:

— Jamais você me pareceu tão ciumento. Se algum dia eu tivesse recebido algum honorário de meus clientes, como você os chama, eu deveria devolvê-lo imediatamente, diante da extrema argúcia de seu raciocínio. Portanto, que lhe baste o tempo suficientemente longo que, ao debater com você, eu lhes dei para refletir. Ou, se eles estiverem dispostos a escutar o conselho de seu líder derrotado, mas não por sua falta, que eles te cedam no tema e sejam mais prudentes no futuro.

Capítulo X

Eu repliquei:

— Eu não quero esquecer que, durante seu discurso, Trigécio estava inquieto e queria dizer não sei o que. Eu estou, portanto, com ele, se você me permite. Pode ser que você não esteja suficientemente preparado, pois você acaba de se unir ao nosso debate e, como eu comecei, quero escutá-los pacientemente defender sua causa sem você.

Então Trigécio, enquanto Licêncio estava completamente distraído, disse:

__ Acolha essa ignorância e ria dela como quiser. Parece-me que não se deve chamar de inteligência a capacidade de compreender a ignorância, pois a ignorância é única ou o maior obstáculo à inteligência.

Eu retomei:

__ Acho difícil rejeitar este argumento. Estou ainda impressionado com o pensamento de Alípio. Eu me pergunto como se pode ensinar convenientemente o que não se entende e se a mente pode sofrer o que não vê.

Observe só: Alípio teve medo de admitir o que você acaba de dizer e, no entanto, ele leu esse pensamento nos escritos dos sábios. Então, apesar dessa impressão, eu considero os sentidos corpóreos, que são, para a alma, instrumentos e que podem exclusivamente nos dar o termo de comparação mais ou menos exato. Sou forçado a afirmar que ninguém pode ver as trevas.

Por isso, se compreender é, para a mente, o que ver é para os olhos; se não podemos ver as trevas, mesmo quando os olhos estão abertos; não é absurdo dizer que não se pode compreender a ignorância, pois não conhecemos outras trevas para a mente.

Não devemos nos preocupar se é possível evitar a ignorância sem compreendê-la. Da mesma forma como, para escapar das trevas, não basta que não fechemos os olhos, assim também, para evitar a ignorância, não se deve se esforçar para compreendê-la, mas se afligir por não compreender, por causa dela, o que pode ser compreendido e sentir que

nos livramos dela, não quando a compreendemos melhor, mas quando compreendemos melhor o resto.

Capítulo XI

__ Mas retornemos à ordem e que Licêncio esteja, enfim, conosco. Veja minha questão: o tolo parece a vocês agir com ordem naquilo que ele faz?

Mas, observem a armadilha desta questão. Se vocês responderem que é com ordem, então o tolo governa a ele mesmo em tudo com a ordem, que recebe então esta definição: a ordem é a regra segundo a qual Deus rege tudo o que existe. Se a ordem não está então em tudo o que faz o insensato, alguma coisa está então fora de ordem.

Mas, vocês não admitem nem uma coisa e nem outra. Cuidem para que, ao definirem a ordem, vocês não coloquem tudo em desordem.

Como Licêncio estava ainda distraído, Trigécio disse:

__ É fácil responder a este dilema. Mas, no entanto, não tenho em mão uma comparação que pudesse, em minha opinião, dar ao meu pensamento mais força e clareza.

Expressarei, no entanto, este pensamento e você fará em seguida o que você fez há pouco, pois a menção às trevas, com relação ao que eu disse de uma maneira tão obscura, me esclareceu bastante.

Eu digo então que toda a vida dos tolos __ embora ela não tenha, de sua parte, nem constância e nem ordem __ está, no entanto, graças à divina Providência, incluída em uma ordem necessária das coisas. E,

como se um lugar lhe estivesse preparado por essa lei inefável e eterna, ela nunca está onde não deve estar.

Daí vem que qualquer pessoa que a considere com uma mente estreita, se desvia dela como que diante de uma deformidade horrível. Mas, se ela se eleva e estende sua visão até abranger todo o conjunto, ela não encontrará nada que não esteja ordenado, nada que não esteja, de alguma forma, disposto e colocado no lugar que deve ocupar.

Capítulo XII

Eu disse:

— Que grande e maravilhosa resposta me deu, através de você o próprio Deus! Sou cada vez mais levado a crer que há uma ordem escondida no universo.

Vejo tanta verdade e profundidade nas coisas que você disse que ignoro como pôde dizê-las sem tê-las visto ou como você as viu.

Talvez você só procure, para expressar seu pensamento, uma só comparação. Mas eu vejo agora um grande número delas que me levam a pensar como você.

O que há de mais odioso do que o carrasco? O que há de mais selvagem e de mais impiedoso do que essa alma? Mas ele ocupa na legislação um lugar necessário e ele faz parte da ordem em uma sociedade bem governada. Embora seja um ofício degradante para a alma, ele contribui para a ordem pública.

O que há de mais repulsivo, de mais desprovido de beleza, de mais coberto de vergonha do que os rufiões, as prostitutas e outros flagelos do mesmo gênero? Expulse da sociedade humana as mulheres de má vida e você perturba tudo com as paixões vergonhosas. Coloque-as no lugar das mulheres honestas e você joga sobre tudo a desonra e a infâmia. Desta forma, os costumes impuros dessas pessoas desonram suas vidas e a lei da ordem as coloca em último lugar.

Nos corpos dos animais, não há alguns membros que, vistos isoladamente, sem a conexão que possuem com o organismo inteiro, nos repugnam? No entanto, a ordem da natureza não quis que eles faltassem, pois são necessários. Nem quis que eles fossem colocados em evidência, pois são vergonhosos? Além disso, esses membros de ignomínia, ao ocupar seu lugar, cederam o lugar de honra aos membros mais nobres.

O que há de mais agradável para nós, que espetáculo mais adequado em uma casa de campo do que as brigas de galo que mencionamos no primeiro livro?²⁰ No entanto, o que há de mais abjeto do que o abatimento do derrotado? No entanto ainda, ele contribui para ressaltar a beleza desse combate.

Capítulo XIII

Tudo está aí, eu creio, mas é preciso ver.

²⁰ Livro I, cap. 25.

Poetas amaram os chamados solecismos e barbarismos. Eles preferiram mudar seus nomes e chamá-los de figuras e sínopes, do que evitar esses erros manifestos. Retire dos poemas essas figuras e lamentaremos a falta de doces amenidades. Reúna-os em um só lugar e meu coração se levantará contra eles, como se levanta diante do que é azedo, fétido e doentio. Transporte-os para a linguagem livre do fórum e quem não os caçará e enviará para o teatro? Assim, a ordem que regula seu uso e nele quer a medida, não pode admitir que eles se prodigalizem, quando são próprios do gênero e nem que eles desapareçam inteiramente de todas as partes.

Que um estilo simples e como que negligente apareça de tempos em tempos; ele faz com sejam ressaltadas ainda mais as partes interessantes e as belas passagens. Reine ele por toda parte e você despreza e joga fora o livro. Ele não está em parte alguma? As belezas não são mais ressaltadas e não se sobressaem, de alguma forma, nos lugares em que devem dominar. Elas se eclipsam com seu próprio brilho e espalham a confusão por toda parte. Aqui também devemos à ordem um vivo reconhecimento.

Quem não teme, quem não detesta as conclusões falsas e aquelas que, aumentando ou diminuindo, trabalham insensivelmente em proveito do erro? No entanto, quando elas acontecem por ocasião de um debate, elas trazem felizes frutos e, sem que eu saiba o porquê, o próprio erro dá prazer. Também aqui não é o caso de louvarmos a ordem?

Capítulo XIV

Na música, na geometria, nos movimentos dos astros, no rigor dos números, a ordem domina a ponto de, se quisermos vê-la em seu princípio e, por assim dizer, em seu santuário, é neles que a encontraremos ou por eles chegaremos a ela sem nos desviar.

Nas ciências, de fato, nada é para se temer além do excesso e aquele que se aplica a elas com moderação, seja mestre ou discípulo em filosofia, tira delas seu vigor, desenvolve-se como lhe agrada, eleva-se e conduz atrás de si numerosas mentes, até àquele ponto soberano além da qual ele não pode, não deve e não quer conhecer mais nada.

De lá e embora misturado ainda às coisas humanas, ele as vê tão pequenas e as aprecia com tanta justeza que nada o surpreende. Ele não se pergunta mais por que este deseja filhos sem tê-los, enquanto aquele se aflige com a excessiva fecundidade de sua esposa. Por que a um falta dinheiro, com o qual está disposto a fazer doação, enquanto que o usuário seco e sórdido encuba seu tesouro enterrado. Por que a luxúria devora e dispersa amplos patrimônios, quando as lágrimas de um mendigo mal conseguem alguns trocados para um dia inteiro. Por que o indigno é elevado às honras, enquanto que costumes irreprováveis estão escondidos na massa.

Capítulo XV

É isso então que, com tantas outras coisas da vida humana, determina a maior parte das pessoas à crença ímpia de que não há ordem e nem providência a nos governar.

Outros mortais, pios e dotados de uma brilhante natureza, não podem se convencer de que sejamos abandonados pelo Deus supremo. Perturbados, no entanto, pela obscuridade e a confusão das coisas, eles não podem descobrir nelas uma ordem e, em seu desejo de conhecer as causas mais secretas, muito frequentemente eles recorrem à poesia²¹ para deplorar seus erros.

Se eles somente perguntam por que os italianos desejam sempre invernos serenos²² e por que nossa desafortunada Getúlia está sempre com sede, quem lhes responderá facilmente? Quem de nós haverá de fazer especulações sobre os motivos de uma disposição assim?

Quanto a mim, se posso dar um conselho a todos aqueles que me são caros, eu creio, pelo menos em minha opinião e sentimento, que eles devem se aplicar ao estudo de todas as ciências²³, pois é impossível de outra forma compreender todas essas questões e ver nelas a solução mais claramente do que não se vê a própria luz.

Mas, se sua mente for muito lenta ou muito ocupada com outros assuntos ou ainda muito pouco capaz de estudar, que se prepare um apoio na fé e Aquele que não deixa perecer nenhum daqueles que acre-

²¹ Alusão ao poema de Zenóbio citado no Livro I, cap. 20.

²² Virgílio. *Geórgicas*, I, 100.

²³ Cf. *Retratações*, Livro I, cap. 2.

ditam docilmente nos mistérios de sua palavra, o atrairá para ele por esse meio e o libertará dessas espessas e horríveis trevas.

Capítulo XVI

De fato, para escapar da obscuridade, dois caminhos se abrem a nós: a razão ou, pelo menos, a autoridade.

A filosofia promete a razão e, infelizmente, muito poucos são libertados por ela. Só ela, no entanto, força não apenas a não desdenhar desses mistérios, como também compreendê-los como eles devem ser compreendidos.

A verdadeira e, por assim dizer, a pura filosofia não tem outro mister que não seja ensinar qual é o Princípio de todas as coisas que não tem princípio, quão grande é o pensamento que permanece Nele e o que e o que desceu Dele para nossa salvação sem nenhuma alteração.

Este é o Deus único, Onipotente e três vezes poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, que nos ensinam os augustos mistérios, cuja fé sincera e inabalável é para os povos um princípio de libertação e esse ensinamento, não há confusão, como alguns pretendem, nem ultraje à razão, como muitos afirmam.

Que grandeza, que um Deus tão grande tenha condescendido em se encarnar e viver em um corpo da mesma natureza que os nossos!

Quanto mais consideramos a humildade desse ato, mais ele superabunda em clemência e condena o orgulho que é próprio dos sábios.

Capítulo XVII

Mas, qual é a origem de nossa alma? O que ela faz neste mundo? Que distância a separa de Deus? Qual é a propriedade que eu aplico a obras de duas naturezas diferentes? Até que ponto ela é mortal e como provamos sua imortalidade? A ordem não pede que se estude estes problemas? Certamente que ela o pede e logo diremos algumas palavras sobre isso, se o tempo permitir.

Neste momento me contentarei em lhes dizer: aquele que, temerariamente e sem coordenar seus conhecimentos, ousa se jogar no estudo destas questões, demonstra mais curiosidade do que zelo, mais credulidade do que crença, mais incerteza mesmo do que prudência.

Assim, ignoro de onde vem essa justeza e essa precisão que sou forçado a reconhecer nas respostas que acabam de dar às minhas questões. Vejo, no entanto, até onde pode ir o trabalho de vossas mentes.

Que Licêncio nos dê também sua palavra. Há tanto tempo ocupado com não sei que ideia, ele está tão afastado desta conversa que ele lerá tudo isso, eu penso, como aqueles nossos amigos que estão ausentes.

Retorne para nós, Licêncio e esteja inteiro nela, eu te peço. É a você que eu me dirijo. Você aprovou minha definição quando eu disse o que é estar em Deus e, se me recordo bem, você quis me provar que a mente do sábio permanece imóvel em Deus.

Capítulo XVIII

Mas vejo aqui uma dificuldade: esse sábio, que vive entre os humanos e aí permanece em um corpo, não se pode negar isso, como pode ser que esse corpo vá de um lado para o outro e a mente permanece imóvel?

Você pode dizer que um navio se move e que as pessoas que ele transporta estão em repouso, embora estes, admitimos, o controlem e governem. Mesmo que eles o dirijam somente com o pensamento e o façam se mover segundo seus desejos, quando o navio está em movimento, aqueles que estão nele não podem evitar esse movimento.

Disse Licêncio:

__ A mente não está, no corpo, submetida às ordens do corpo.

Eu respondi:

__ Não digo que não, mas o cavaleiro, por sua vez, não está no cavalo para obedecer a suas leis. No entanto, mesmo fazendo o cavalo andar segundo sua vontade, ele não deixa de sentir seu movimento.

Ele replicou:

__ Mas ele pode ficar imóvel sobre o cavalo.

Eu lhe digo:

__ Você nos força a definir o movimento. Mas, se você puder, defina você mesmo.

Ele retomou:

__ Continue a me fazer o favor, pois persisto em minha pergunta e, para evitar o trabalho de apresentá-la novamente, se eu puder definir, declararei quando for capaz.

Com estas palavras, um criado, que tínhamos encarregado dessa tarefa, chegou para nos dizer que a hora do almoço havia chegado.

Eu disse então:

__ Esse criado nos forçou não a definir o movimento, mas a mostrá-lo. Passemos então deste lugar para outro. O movimento é apenas isto, se não me engano.

Rimos e partimos.

Capítulo XIX

Após a refeição, como as nuvens cobriam o céu, fomos nos sentar, como de costume, na sala de banhos.

Então, eu perguntei a Licêncio:

__ Você concorda que o movimento é apenas a passagem de um lugar para outro?

Ele respondeu:

__ Concordo.

Continuei:

__ Você concorda também que ninguém deixa de estar em um lugar onde estava antes, sem ter feito um movimento?

__ Não compreendo.

Retomei:

__ Se uma coisa, que estava inicialmente em um lugar, está agora em outro, não foi por que houve um movimento?

Ele concordou.

Eu continuei:

__ Então, o corpo vivo de um sábio poderia estar agora aqui conosco e seu espírito em outro lugar?

__ Sim, poderia.

__ Mesmo se ele conversasse conosco e nos ensinasse alguma coisa?

Ele respondeu:

__ Mesmo quando ele nos ensinasse a sabedoria. Mas eu não diria que seu espírito está conosco. Ela está mais é com ele mesmo.

__ Então ela não estaria em seu corpo?

Ele respondeu:

__ Não.

Eu prossegui:

__ Esse corpo, sem seu espírito, não estaria morto? Eu falava de um corpo vivo.

Ele disse:

__ Eu não sei como explicar. Eu não sei como o corpo de uma pessoa pode estar vivo se a alma não está nele. E, seja qual for o lugar do mundo onde o sábio esteja, eu não posso dizer que sua alma não está com Deus.

Eu retomei:

__ Vou te deixar em condições de explicar. É, provavelmente, por que Deus está em toda parte que o sábio, por toda parte aonde vá, encontra Deus e pode estar com ele. Assim, poderíamos dizer que ele passa de um lugar para outro __ o que é o movimento __ e, no entanto, ele está constantemente com Deus.

Ele respondeu:

__ Admito que o corpo passa de um lugar para outro, mas nego quanto ao espírito que nós chamamos de sábio.

Capítulo XX

Eu lhe disse:

__ Aceito, por enquanto, para que um tema tão obscuro e que demanda ser tratado mais longa e cuidadosamente, não nos afaste, neste momento do objetivo a que nos propusemos. Mas, já que definimos o que é estar em Deus, vejamos se podemos saber também o que é estar sem Deus. Eu creio mesmo que a coisa está suficientemente clara, pois te parece, sem dúvida, que estar sem Deus é não estar com Deus.

Ele respondeu:

__ Se as palavras vem em meu favor, eu poderia te dar uma resposta que não te desagradaria. Mas eu peço: tenha piedade de um menino e compreenda meu pensamento com a penetração que convém à sua mente.

Parece-me, no entanto, que se pode não estar com Deus, mas, todavia, pode-se estar na posse de Deus. Assim, não posso dizer que estão

sem Deus aqueles que são possuídos por Ele. Não diria também que eles estão com Deus, pois Deus não está na posse deles.

De fato, possuir Deus __ assim como concordamos naquele conversa tão agradável que tivemos no dia de seu nascimento²⁴ __ não é outra coisa além de desfrutar de Deus.

Mas confesso que temo essas afirmações contrárias. Como pode ser que uma pessoa não esteja nem sem Deus e nem com Deus?

Capítulo XXI

Eu lhe disse:

__ Não se preocupe com isso. Quando o pensamento é justo, não faça caso das palavras. Retornemos, enfim, à definição de ordem. Você disse que a ordem é a regra segunda a qual Deus conduz tudo. Mas, não há nada, em minha opinião, que Deus não conduza e foi isso que o levou a pensar que nada está fora da ordem.

Ele retomou:

__ Eu mantenho minha opinião, mas prevejo que você vai me perguntar se Deus conduz também o que nós concordamos que não é o bem.

Eu repliquei:

__ Maravilhosamente sua visão penetrou meu pensamento. Mas, eu te peço, como você viu o que eu ia dizer, veja também o que é preciso responder.

²⁴ Cf. *A vida feliz*, cap. 34.

Ele, fazendo sinal com os olhos e os ombros, disse:

— Estamos com problemas.

O acaso tinha trazido minha mãe no momento desta questão. Depois de algum tempo em silêncio, ele me pediu para repeti-la. Ele não tinha percebido que Trigécio a tinha respondido antes²⁵.

Eu lhe perguntei:

— Repetir o que e para que? Disse o escritor: *Não faça o já feito*²⁶.

Acrescentei:

— Acho melhor que você leia o que foi dito acima, já que não pôde ouvi-lo. Aceitei sem dificuldade sua distração durante nossa conversa e o deixei quieto por muito tempo, pois não quis colocar nenhum obstáculo a que você elaborasse atentamente sozinho e longe de nós e continuasse um tema que a escrita recolheu para você.

Capítulo XXII

Eis agora uma questão que ainda não tentamos discutir com cuidado. Desde o início, quando esta questão sobre a ordem se levantou, eu não sei por que encadeamento, você disse, eu me lembro, que a justiça de Deus consiste em que ele separa os bons dos maus e dá a cada um o que lhe pertence²⁷. Esta não é, em minha opinião, a definição mais clara

²⁵ Cf. Cap. 11.

²⁶ Públio Terêncio. *Phormio*, 419.

²⁷ Livro I, cap. 19.

de justiça. Assim então, eu te peço que me diga se te parece que Deus foi, em algum momento, sem justiça.

Ele respondeu:

__ Nunca.

Eu repliquei:

__ Mas, se Deus sempre foi justo, o bem e o mal sempre existiram.

Respondeu minha mãe:

__ Certamente. Não vejo outra conclusão possível, pois a justiça divina não atuaria se o mal não existisse. E, se Deus não desse sempre aos bons e a aos maus o que merece cada um, não se pode dizer que ele é sempre justo.

Responde Licêncio:

__ Então devemos dizer, em minha opinião, que o mal sempre existiu?

Eu repliquei:

__ Que diremos? Se Deus é justo quando ele separa os bons dos maus, ele não era então justo quando o mal não existia.

Como todos mantiveram silêncio, eu observei que Trigécio queria responder e eu o permiti.

Ele retomou:

__ Seguramente Deus era justo, pois ele poderia discernir o bem do mal, se este último existisse e este poder constituía a justiça. Dizer, de fato, que Cícero descobriu com a prudência a conjuração de Catilina,

que seu desinteresse o colocou acima dos presentes que o levou a poupar os culpados, que sua justiça os enviou ao último dos suplícios, em nome do Senado, que sua coragem o fez sustentar todos os traços dos inimigos e o fardo de seu ódio, como ele o chamava, isto quer dizer que lhe faltavam essas virtudes, se Catilina não tivesse ameaçado a República com sua ruína.

É por causa disso e não por ações semelhantes que se deve apreciar a própria virtude no ser humano e, com muito mais razão ainda, em Deus, se é que a dificuldade de compreender e de se expressar permite estabelecer aqui alguma comparação.

Para nos mostrar que ele sempre foi justo, Deus não deixou de dar a cada um o que ele merecia, assim que o mal passou a existir e que ele teve que separá-lo do bem. Ele não teve então que aprender sobre a justiça, mas sim, somente a usá-la, pois ela sempre esteve nele.

Capítulo XXIII

Licêncio e minha mãe o aprovaram com extremo embaraço.

Eu disse então:

— Pois bem! Licêncio, o que você pensa sobre isso? Onde está sua grande proposição que afirma que nada se faz fora da ordem? Pois, se o mal foi feito, não foi por ordem de Deus, mas ele foi incluído nessa ordem, após ter sido criado.

Este, admirado e vendo uma boa causa lhe escapar das mãos tão subitamente, disse:

__ Seguramente sustento que o estabelecimento da ordem data da origem do mal.

Eu respondi:

__ Então, não foi a ordem que permitiu a origem do mal, já que essa ordem só começou após o nascimento do mal. Então, ou bem essa negação que chamamos de mal sempre existiu ou bem, se achamos que o mal teve um começo, como a ordem é o próprio bem ou surge do bem, nada jamais foi ou será sem ordem. Veio-me, no entanto, outro pensamento melhor, mas, como de hábito, ele foi levado pelo esquecimento e, em minha opinião, foi segundo a ordem que isso aconteceu, pois, está de acordo com o mérito, a elevação e a direção da minha vida.

Ele respondeu:

__ Não sei como deixei escapar um pensamento pelo qual me censuro agora. Não devia ter dito que o mal nasceu e nem que a ordem teve um começo, mas que a ordem sempre esteve em Deus __ como Trígécio falou da justiça __ e que ela somente começou a ser aplicada quando o mal começou.

Eu lhe disse:

__ Você recai no mesmo ponto e o que você repele permanece inabalável. Se a ordem sempre esteve em Deus ou se ela começou ao mesmo tempo que o mal, isto não significa que seja menos verdadeiro que o mal nasceu fora da ordem. Se você concorda com isto, você admite que fora da ordem alguma coisa é possível, o que enfraquece e derruba sua tese. Se você não concorda, então o mal vai nos parecer produzi-

do por ordem de Deus e isto seria professar que Deus é o autor do mal. Há algo de mais detestável que este sacrilégio?

Ele não compreendeu ou fingiu não compreender. Eu então virei e revirei meus argumentos de todas as maneiras, mas ele não respondeu nada e manteve silêncio.

Então minha mãe falou:

— Quanto a mim, não penso que algo possa ser feito fora da ordem de Deus. É verdade que o mal que é produzido não deve, de forma alguma, sua origem à ordem. Mas a justiça de Deus não a deixou sem ordenação. Ela a arrastou e colocou no lugar que ela deve ocupar na ordem.

Capítulo XXIV

Vendo então que todos buscavam com ardor ___ e cada um segundo suas forças ___ conhecer Deus, mas sem seguir essa ordem que estudamos e que conduz à conceituação dessa infável majestade, eu disse:

— Eu peço a vocês que, como vejo que vocês se mantêm fortemente na ordem, não deixem que a precipitação nos jogue na desordem. Uma razão secreta promete nos demonstrar que nada é feito fora da ordem.

No entanto, se víssemos um mestre de escola tentando ensinar uma criança soletrar antes que ela tivesse aprendido as letras, eu não digo que deveríamos rir como loucos, mas diríamos que ele deve ser

preso como um louco furioso, unicamente por não ter seguido a ordem do ensino.

Quem duvida que coisas assim não sejam praticadas frequentemente por pessoas sem experiência que despertam a reprovação e o riso de pessoas instruídas e de insensatos que nem sempre escapam da censura dos tolos?

No entanto, todas essas ações que chamados de perversas não estão fora da ordem divina. É que uma ciência divina, da qual a pessoa comum está distante de fazer uma ideia, promete demonstrar, às mentes estudiosas que só amam Deus e as almas, uma disciplina elevada, de maneira a produzir nelas uma certeza que desafia a certeza matemática.

Capítulo XXV

Essa ciência é a própria lei de Deus. Sempre imutável e invariável nele, ela se grava, por assim dizer, nas almas dos sábios. Eles sabem que sua conduta é tanto melhor e tanto mais elevado quanto a contemplação do espírito lhes faz melhor compreender essa lei e seu estilo de vida é sua mais fiel observação.

Ora, essa ciência estabelece ao mesmo tempo duas ordens a quem quer adquiri-la; uma é para a conduta e a outra é para os estudos.

Toda pessoa que está tomada pelo amor a essa lei deve evitar então os prazeres da carne, a sensualidade da alimentação, os cuidados exagerados com o corpo e com a aparência, as vãs ocupações do jogo, o entorpecimento do sono e da preguiça, as rivalidades, o ciúme, a inveja,

a ambição pelas honras o poder e mesmo o desejo imoderado pelos louvores. Que elas olhem o amor pelo dinheiro como veneno que matará infalivelmente todas as suas esperanças. Que suas ações não sintam nem a fraqueza e nem a arrogância.

Quando se tratar de faltas em sua família, que elas afastem toda cólera ou a contenham até o ponto de não deixá-la transparecer. Que não tenham nenhum ódio contra ninguém e nenhum vício que não queiram corrigir. Que elas se observem, de maneira a não serem nem excessivas na vingança e nem muito reservadas no perdão. Que só punam para melhorar. Que não tenham indulgência que possa encorajar o mal. Que amem como membros de sua família aqueles que estão submetidos à sua autoridade; que os sirvam como se tivessem vergonha de comandá-los; que os comande como se estivessem felizes de servi-los.

Quando se tratar da falta de estranhos, que não repreendam ninguém contra sua vontade. Que evitem as inimizades com cuidado, que as suportem de bom coração e as terminem o quanto antes.

Em todo compromisso, em toda comunicação com as pessoas, basta observar este adágio comum: “Que não se faça ao outro o que não se quer suportar”.

Que não aceitem entrar para a administração do Estado antes de serem perfeitos e que se tornem perfeitos na idade senatorial; ou, melhor ainda, na juventude.

Mas, que ninguém se acredite isento de todo preceito, por que só se deve preocupar com eles na idade avançada. Sua observação não lhe será mais fácil na idade madura.

Que em toda condição, em todo lugar, em todo tempo, se tenha amigos ou que se procure fazê-los. Que se tenha deferência por aqueles que merecem e que mesmo não a esperam. Que se tenha pouca consideração para com os orgulhosos e, propriamente, evite-se o orgulho.

É preciso ter uma vida sábia e decente. Que se honre Deus, que se ocupe com ele, buscando-o e se apoiando na fé, na esperança e na caridade. Desejar, para seus estudos e os de seus amigos, a tranquilidade e sólidos progressos; para si mesmo e para todos, se possível, um bom espírito e uma vida tranquila.

Capítulo XXVI

Resta-nos expor como de deve estudar, quando se decide viver como dissemos.

Só podemos ter duas maneiras de nos instruir: a autoridade e a razão. Na ordem do tempo, a autoridade precede; na realidade, a razão triunfa.

Uma coisa é o que fazemos primeiro; outra coisa é o que desejamos e mais estimamos.

A autoridade das pessoas de bem é mais útil para a multidão de ignorantes e a razão é mais conveniente para os sábios. No entanto, como todos são ignorantes antes de aprenderem, como nenhum ignorante

sabe em que disposições deve se apresentar diante do mestres, nem que gênero de vida pode prepará-lo para a ciência, só a autoridade pode abrir a porta, quando se aspira conhecer quais são os tesouros misteriosos e divinos.

Uma vez atravessado o limiar com segurança, aplica-se em viver as regras da vida perfeita e por esse meio, que dá a docilidade, aprende-se enfim a profunda razão que há nos preceitos que se observa sem compreendê-los e o que é essa razão seguida depois de deixar a segurança da autoridade que é seguida agora com um passo firme.

Compreende-se, enfim, o que é o intelecto, em que tudo está reunido, ou melhor, que é tudo e que é, fora de tudo, o princípio de tudo.

Poucos chegam, nesta vida, a esse conhecimento e ninguém pode, na outra vida, ir além dele.

Quanto àqueles que se contentam com a autoridade para se aplicar aos bons costumes e aos santos desejos, que desdenham ou são incapazes de se dedicar ao estudo proveitoso das ciências liberais, eu não consigo lhes dar o qualificativo de felizes, enquanto estão no meio das pessoas. Mas eu creio firmemente que, tão logo eles deixem este corpo, eles serão libertados, com mais ou menos facilidade, de acordo com a vida que tiveram, mais ou menos irrepreensível.

Capítulo XXVII

A autoridade é divina ou humana. Mas, a autoridade verdadeira, sólida, soberana, é a autoridade divina.

É preciso aqui temer o espanto poder de enganação dos espíritos aéreos. Seja ao prever coisas que são do domínio dos sentidos corpóreos, seja produzindo efeitos que demonstram grande poder, eles conseguem enganar facilmente as almas que são desejosas dos bens perecíveis ou ávidas de um poder frágil ou deslumbradas por vãos prodígios.

Deve-se considerar a autoridade como divina quando ela ultrapassa todo poder humano através de maravilhas sensíveis, mas também quando, ao animar o próprio ser humano, ela lhe mostra até que ponto se rebaixou por ele.

Ela nos ordena ir além dos sentidos atingidos por esses prodígios e que nos elevemos até o intelecto. Ela nos mostra ao mesmo tempo o que ela pode nesta vida e por que ela faz essas maravilhas e o pouco valor que ela atribui a elas.

Ela deve, de fato, nos manifestar seu poder através de seus atos, sua clemência, sua condescendência e sua natureza, através das ordens que ela dá. Isto é o que nos é apresentado, de uma maneira mais profunda e mais sólida, nas verdades sagradas às quais somos iniciados e onde a vida das pessoas de bem se purifica muito mais facilmente; não através das sutilezas das disputas, mas através da autoridade dos mistérios.

Quanto à autoridade humana; ela engana frequentemente. Mas, nela, parecem merecer justificadamente mais confiança, aqueles que colocam, ao alcance da pessoa comum, provas mais numerosas de sua doutrina e que não vivem de maneira diferente de como ensinam a vi-

ver. Se eles são, além disso, favorecidos pelos dons da sorte, que eles sejam grandes ao usá-los e maiores ainda ao desprezá-los. Diante disso, como censurar a confiança depositada nas regras da vida que eles ensinam?

Capítulo XXVIII

Alípio me disse então:

— Que grande modelo de vida você nos coloca sob os olhos! Você disse tudo em poucas palavras. Estamos a cada dia mais ávidos por suas palavras, mas hoje você nos inspirou ainda mais zelo e mais ardor por este gênero de vida. Eu gostaria de chegar a ela e me unir a ela, se for possível. Não apenas nós, mas todas as pessoas. Esses preceitos se tornariam tão fáceis de seguir quanto são admiráveis de ouvir.

Como pode essa felicidade se afastar de nós!? Como pode que, ao ouvir essas regras, a mente humana as proclame celestes, divinas, inteiramente verdadeiras e aja de maneira diferente, quando é preciso obtê-la?

Assim, estou profundamente convencido de que, para viver assim, é preciso pessoas divinas ou com a ajuda divina.

Eu respondi:

— Atualmente, Alípio, são minhas palavras que expressam essas regras de vida que você acolhe com tanto prazer, como sempre. Mas elas não são minha invenção e você sabe disso perfeitamente. Elas estão em livros de pessoas grandes e quase divinas e esta observação eu a

devo não a você, mas a esses rapazes que teriam algum direito de desdenhar delas, se elas só repousassem sobre minha autoridade.

Jamais eu pedirei que acreditem nelas baseados somente nas provas em que apoiarei meu ensino e era, presumo, para estimulá-los para a importância do tema que você falou desta forma.

Essas regras não são difíceis de serem seguidas por você. Tal é sua avidez em compreendê-las e o impulso de sua admirável natureza para praticá-las que, se sou seu mestre em palavras, você é o meu em ações.

Eu não tenho nenhum motivo e nem mesmo nenhum pretexto para mentir. Um elogio imerecido não estimularia, creio, seu ardor. Os que estão aqui nos conhecem e nem um e nem outro é desconhecido daquele que receberá este texto.

Capítulo XXIX

Quanto às pessoas que se dedicam à prática do bem e dos bons costumes, se suas palavras estão de acordo com seu pensamento, você acredita que eles são em um número bem menor do que parece provável. Muitos são inteiramente desconhecidos por você e entre os que você conhece, o que é precisamente digno de admiração te escapa também. Tudo isso, de fato, é do domínio da alma que é inacessível aos sentidos.

Essas pessoas, geralmente para se adaptar à linguagem das pessoas viciosas, adéquam suas palavras ao que elas parecem aprovar ou desejar.

Elas geralmente agem contra sua vontade, para evitar o ódio alheio ou a acusação de inépcia e como os atos nos chegam através do testemunho dos ouvidos e dos olhos, nos é difícil afastar de sua apreciação. Isto é o que nos impede de conhecer um bom número de pessoas tão bem como eles se conhecem e como lhes conhecem seus amigos. Você pode compreender isso se lembrando de algumas qualidades que só vemos entre os nossos.

Uma das causas que induzem ao erro desta forma __ e não é a menor __ é que muitos se convertem subitamente a uma vida melhor e digna de admiração e que se acreditavam ser o que sempre eram, até que ações brilhantes revelam o que são.

Sem me alongar, quem que conhecera antes estes rapazes acreditaria facilmente que eles procuram hoje em dia as grandes verdades com tanto zelo e que nessa idade eles declararam guerra aos prazeres?

Assim, rejeitemos essa opinião, pois a ajuda divina que você mencionou piamente, como era conveniente, ao fim de seu discurso, produz em todas as pessoas e muito mais amplamente do que muitos imaginam, a obra de sua misericórdia.

Mas, retornemos, por favor, à ordem de nosso debate e, após ter suficientemente falado da autoridade, vejamos o que ela exige de nós.

Capítulo XXX

A razão é a capacidade da mente que pode distinguir e resumir o que se aprende. Se é bem raro que as pessoas recorram às suas próprias luzes para compreender seja Deus, seja sua própria alma ou qualquer alma, é unicamente por causa da dificuldade que experimenta em voltar-se para si quem se habituou em viver pelos sentidos.

Todos, é verdade, querem se guiar pela razão, mesmo quando se dedicam a afazeres onde só encontram decepção. Muito poucos, no entanto, conhecem sua natureza e suas propriedades. Isto parece espantoso, mas, no entanto, é inquestionável.

Estas observações bastam por enquanto, pois, neste momento, estou incapacitado para falar como convém de um tema tão vasto. Estou tão incapacitado que seria presunçoso se pretendesse pelo menos tê-lo compreendido.

Verifiquemos, todavia __ se pudermos neste momento e na medida em que exige o objetivo desta conversa __ o quanto ela condescendeu em se manifestar nos objetos que acreditamos conhecemos.

Capítulo XXXI

Vejamos, em primeiro lugar, em que circunstâncias empregamos comumente a palavra que chamamos *razão*.

O que deve nos espantar antes de tudo é que os sábios da antiguidade definiram o ser humano da seguinte maneira: *o ser humano é um animal racional e mortal*²⁸.

O termo *animal* designa aqui o gênero e os dois outros termos indicam duas diferenças destinadas, creio, a mostrar ao ser humano para onde ele deve se dirigir e de onde ele deve se afastar. Sua alma, partindo dela mesma, se jogou miseravelmente na matéria. Ele precisa retornar à razão.

Ao dizer que ele é *racional*, nós o distinguimos dos animais. Ao chamá-lo de *mortal*, nós mostramos o quanto ele difere do que é divino. Se ele não se unir à razão, ele se confundirá com os animais. Se ele não se afastar da matéria, ele não poderá se divinizar.

Mas os sábios geralmente aplicam sua mente e sua argúcia para distinguir o que é razoável do que é racional. O objetivo que buscamos exige que os imitemos. Eles chamam então de razoável o que é feito ou que pode fazer uso da razão e racional é o que é produzido ou ditado por ela.

Assim, podemos dizer que estes banhos e nossa conferência são racionais e chamar de razoáveis aqueles que construíram estes banhos e nós que falamos deles.

A razão, por consequência, procede da alma razoável e se aplica a atos e a discursos racionais.

²⁸ Aristóteles, *Top.* 132b2; Sexto Empírico, *Esboços Pirrônianos*, 2: 25; Cícero, *Lucullus*, 7, 21.

Capítulo XXXII

Há então duas coisas onde a força e o poder da razão são acessíveis aos próprios sentidos: por um lado, as obras humanas visíveis e, por outro, as palavras audíveis. Mas, nos dois casos, a mente, para acionar os sentidos, emprega um duplo intermediário: os olhos e os sentidos.

Assim, quando vemos um objeto cujas partes são bem proporcionais, podemos dizer que ele parece racional. Dizemos igualmente que uma música é racional quando ela atinge os ouvidos de uma maneira harmoniosa.

Mas, quem não riria daquele que dissesse: odor racional, sabor racional, doçura racional? Seria, no entanto, diferente se, com um objetivo determinado, procurássemos produzir esse odor, esse sabor, esse calor e tudo o mais.

Como é o caso, por exemplo, se, considerando os odores fortes que são colocados em um lugar para afastar as serpentes, disséssemos que racionalmente esse lugar exala odores; se, igualmente, disséssemos que uma bebida preparada por um médico, racionalmente é amarga ou racionalmente é doce e de um banho preparado para um enfermo, que ele é racionalmente quente ou morno.

Mas, qual pessoa, ao cheirar uma rosa em um jardim, sob ordens médicas, ousará algum dia dizer: “Esse odor é racional”? A ordem ou o conselho de cheirar é racional, mas o odor, propriamente, não poderia ser chamado assim, precisamente por que ele é um odor natural.

Podemos muito bem dizer de um repasto culinário que ele está razoavelmente temperado, mas o uso não permite falar assim quando o sabor não tem outro objetivo que não seja satisfazer a sensorialidade.

Pergunte ao doente a quem o médico mandou servir uma bebida, por que essa bebida devia ser tão doce e ele lhe dará um motivo diferente da sensorialidade. Esse motivo é a própria natureza do doente. Ela não afeta o gosto, mas o corpo; o que é bem diferente.

Pergunte, pelo contrário, a um intemperante que busca o prazer da boca, por que o que ele toma é doce. Se ele responder: “É por que eu encontro aí meu prazer, minhas delícias”, ninguém dirá que essa doçura é racional; a menos, no entanto, que o prazer propiciado por ela deva conduzir a um objetivo e que os alimentos tenham sido preparados com vistas a esse mesmo objetivo.

Capítulo XXXIII

Estas são então algumas características que nos foi possível encontrar nos sentidos e no próprio prazer da visão e da audição.

A razão não se mostra na satisfação dos outros sentidos, mas no objetivo que se propõe atingir através deles a criatura racional.

Chamamos de um belo objeto aquele que estimula agradavelmente os olhos e onde se mostra uma proporção racional das partes entre elas.

Chamamos propriamente de harmonioso um concerto agradável aos ouvidos; quando a razão preside a medida e inspira a composição e a execução do canto.

Mas não invocamos a razão quando o olho é atingido por belas cores ou o ouvido se regozija com o som claro e preciso que produz um dedilhar na corda de uma lira. Para ver a razão no prazer destes sentidos, é preciso que se possa distinguir aí as proporções e a harmonia.

Capítulo XXXIV

Assim, quando consideramos atentamente todas as partes deste edifício, como não ficar incomodado ao ver uma porta na extremidade e outra quase no meio, mas sem estar exatamente no meio? Não é uma ofensa aos olhos, usar medidas irregulares na construção, sem ser forçado a isso?

Vemos no interior três janelas: uma no meio e duas nas extremidades. Elas estão a iguais distâncias e jogam igualmente a luz sobre a banheira. Não sentimos prazer com isso? Nossa mente não fica satisfeita, quando nós as olhamos com atenção particular?

A coisa é evidente e não precisamos nos alongar muito. Os arquitetos dizem que essa disposição tem uma razão de ser. Da mesma forma como eles dizem que é sem razão quando as partes são distribuídas sem ordem.

De maneira geral, podemos fazer estas observações e aplicá-las a quase todos os atos e a todas as obras humanas.

Na poesia, dizem, a razão deve ter em vista o prazer dos ouvidos e não é a medida que o produz inteiramente?

Embora os movimentos bem cadenciados de um dançarino encantem os olhares pela própria medida que eles obedecem, o espectador inteligente compreende o que eles significam e o que eles representam. Assim, fazendo abstração dos prazeres que ela propicia aos olhos, dizemos então que dança é racional, que ela dá asas a Vênus, um manto a Cupido, que ela representa estas supostas divindades com toda a flexibilidade e toda a graça possíveis e os olhos não são atingidos, mas a mente.

Aos olhos da mente essa representação não seria fiel. Os olhos do corpo ficariam chocados se ao movimento faltasse harmonia, pois ele é feito para os sentidos e para o prazer da alma, na medida em que ela anima o corpo.

Uma coisa então é o prazer dos sentidos; outra é o que se percebe através dos sentidos. Os sentidos se comprazem com um belo movimento e o que a alma recebe deles com prazer é o agradável conhecimento do que significa o movimento.

É mais fácil ainda aplicar esta observação ao sentido da audição. O ouvido é encantado, seduzido por todo som melodioso. Mas, embora transmitido para o ouvido, o belo pensamento que conduz o som se dirige exclusivamente à mente.

Daí vem que, ao ouvir estes versos:

Por que, de nossos sois, a desigual claridade

*Se abriga no inverno e se prolonga no verão?*²⁹

não confundimos, em nossos elogios, a beleza dos versos com a beleza do pensamento e não dizemos, sob o mesmo ponto de vista, que a harmonia é bela e que a expressão é racional.

Capítulo XXXV

Já temos então três espécies de coisas em que a razão deixou visivelmente sua marca. A primeira compreende as ações com vistas a um fim determinado; a segunda, o ensino; a terceira, o prazer.

No primeiro caso, a razão nos adverte para não fazermos nada imprudentemente. No segundo, para ensinarmos a verdade. No terceiro, para contemplarmos com felicidade.

A primeira tem relação com os costumes. As duas outras, com as artes e as ciências, com que nos ocupamos neste momento.

De fato, a parte racional de nós mesmos, a que faz uso da razão para produzir ou imitar obras racionais, percebe que o ser humano deve viver em sociedade com aqueles que, como ele, têm a razão em comum.

Mas nenhuma sociedade pode solidamente se estabelecer sem a linguagem, sem esse meio de comunicar os pensamentos e os sentimentos. Foi preciso então dar nomes às coisas, ou seja, estabelecer sons para expressá-las. Não se pode ver a mente alheia, mas a linguagem, ao atingir os sentidos, devia unir as almas.

²⁹ Virgílio. *Geórgia*, livro II, versos 480-482.

No entanto, não se podia perceber as palavras dos ausentes. A razão imaginou então as letras; esses caracteres que representam, sem confundi-los, todos os sons formados pelo movimento da língua e da boca.

Mas, como falar e escrever permanecendo em um vago imenso, sem determinar nada? Era impossível e essa própria impossibilidade fez perceber a necessidade do cálculo.

Ora, a invenção da escrita e do cálculo deu nascimento às profissões de copista e de calculadores.

Estava-se como que na infância da gramática, ou, como diz Varão, nos “elementos das letras” (*literationem*). Não estou muito certo, neste momento, sobre o termo que corresponde na língua grega à expressão latina.

Capítulo XXXVI

A razão observou em seguida diferenças entre as emissões de voz que formou a linguagem e que representou a escrita. Umas, apesar da variedade de suas inflexões, demandaram que se abrisse pouco a boca. Simples e fáceis, elas escapavam dela sem esforço. Outras, exigiram que se comprimissem diversamente os lábios, produzindo um som. Havia enfim aquelas que só podiam se produzir por meio das primeiras. Daí, na mesma ordem, as letras chamadas vogais, semivogais e mudas.

Vieram em seguida a distinção das sílabas e a distribuição das palavras em oito espécies, com suas formas particulares. Mais tarde, ob-

servou-se com habilidade e penetração, as figuras, a pureza da linguagem e a ligação das palavras entre elas.

Longe de esquecer o número e a medida, a razão se aplicou ainda a estudar a quantidade das palavras e das sílabas. Ela reconheceu que a pronúncia de umas demandavam um tempo simples, outras um tempo duplo e que assim as primeiras eram breves e as segundas eram longa. Ela tomou nota de tudo isso em forma de regras regulares.

Capítulo XXXVII

A ciência da gramática podia ser considerada completa. Mas, seu próprio nome significa que ela reivindica o ensino das letras, o que, entre nós, a fez se chamar literatura.

Assim, foi preciso lhe atribuir ainda os fatos confiados às letras, como dignos de passar à memória da posteridade e isso foi a história. A história era para ela apenas um nome a mais, mas que infinidade de coisas abrangia esse nome! Mais fértil em cuidados do que de amenidades e verdades, a história dá mais trabalho aos literatos do que aos próprios historiadores.

É possível que se considere como ignorante uma pessoa que não ouviu falar de Dédalo voando pelos ares e que não se considere como mentiroso quem imaginou esta fábula? Que se chame de insensato quem acredita nela e de insolente aquele que a faz objeto de um questionamento?

Quanto também eu lamento que nossos amigos sejam chamados de ignaros, quando não podem responder qual era o nome da mãe de Euríalo e que não ousam tratar de pessoas inúteis, tolas e curiosas aquelas que lhes dirigem tais questões!

Capítulo XXXVIII

Após ter completado em todas as suas partes a ciência da gramática, a razão dedicou-se a estudar a faculdade geradora da arte. Por suas definições, pela análise e a síntese, ela colocou na arte a ordem e a luz. Ela soube mesmo imunizá-la contra todos os ataques da mentira.

Mas, como pensar em criar outras ciências? Ela não deveria observar antes o caminho o caminho que ela tinha seguido os meios que empregara, racionalizá-los, discuti-los e criar em seguida essa arte das artes que se chama dialética? É a dialética que ensina a ensinar e a estudar. É na dialética que a própria razão se revela e mostra o que é, o que quer e o que pode. A dialética dá conta do faz. Também sozinha, ela não apenas quer, mas ela pode comunicar a ciência.

Não é verdade, no entanto, que, quando se quer inspirar nos insensatos sentimentos verdadeiros, belos e úteis, a maior parte não presta atenção à própria verdade? Se poucas pessoas a contemplam, quase sempre elas seguem a inclinação dos sentidos e do hábito.

Não bastaria lhes ensinar o que pode estar ao seu alcance; é preciso sobretudo e geralmente emocioná-los. Para cumprir esse papel, geralmente mais necessário do que puro, é preciso encantar o povo e con-

duzi-lo livremente ao que lhe é vantajoso e a razão confia essa missão à retórica.

Eis até onde vai, pelos estudos e as ciências liberais, essa parte racional de nós mesmos que se aplica à palavra.

Capítulo XXXIX

A razão quis se elevar em seguida até a feliz contemplação das coisas divinas. Para não cair do alto, ela procurou subir por etapas e se abriu um caminho através da região que ela havia conquistado e organizado.

Ela quis ver sozinha, sem nuvens e sem os olhos do corpo, a beleza suprema. Os sentidos eram aí um obstáculo.

Assim, ela começou a dirigir sua atividade para aqueles que pretendiam claramente possuir a verdade e que, com seus gritos importunos, impediam o progresso da razão.

A audição disse então que a linguagem era de sua alçada e a linguagem já tinha servido para formar a gramática, a retórica e a dialética. Com um olhar perspicaz, a razão distinguiu o som da ideia que ele expressa.

Ela reconheceu que a audição só pode avaliar o som e que há três tipos deles: um é a voz do ser vivo, o segundo é o ruído dos instrumentos de sopro e o terceiro é o dos instrumentos de corda.

O primeiro é produzido pelos coros das tragédias, das comédias e dos outros coros musicais. O segundo é produzido pela flauta ou outros

instrumentos semelhantes. O terceiro é produzido pela harpa, a lira, o tambor e todo instrumento que se torna sonoro sob a mão que o toca.

Capítulo XL

Mas esse exercício só mereceria o desdém se não se soubesse regular os sons pela medida do tempo e uma sábia alternativa de lentidão e de rapidez.

A razão se lembrou que, ao examinar a gramática com uma atenção cuidadosa, ela tinha visto, nos pés e nos acentos, o germe do que ela procurava agora. Como era fácil observar que as sílabas breves e longas estavam espalhadas na oração de uma maneira quase igual, ela tentou reunir e arranjar esses pés com ordem e, consultando a audição, ela começou com pequenas medidas que ela chamou de cesuras e hemistíquios.

Os pés não deviam ir além do que pedia o gosto. Ela fixou um limite, após o qual eles retornariam (*reverterentur*). Isso foi a etimologia da palavra verso.

Quando o verso não tinha medida uniforme e, no entanto, os pés seguiriam em uma ordem racional, isso seria chamado *ritmo*, o que, em nossa língua, significa número.

Assim nasceram os poetas e, considerando os efeitos maravilhosos que eles produziam através da harmonia e da palavra, a razão os cumulou de honras e lhes permitiu produzir todos os mitos racionais

que eles quisessem. Eles trabalharam primeiro sobre as palavras e tiveram por juízes os literatos.

Capítulo XLI

A razão percebeu que os números eram tudo na música e que reinavam no ritmo e na harmonia. Ela estudou sua natureza com o maior cuidado e os considerou divinos e eternos, sobretudo ao observar que eles a tinham ajudado a dispor tudo com ordem.

Aí ela viu, com grande dor, que eles perdiam seu brilho, ao passarem para as bocas humanas. E, como o que é objeto das contemplações do espírito está sempre presente e imortal e os números eram assim, enquanto que o som, por que é sensível, passa e só tem existência na memória, a razão permitiu aos poetas (eles não deveriam remontar à geração de todas as coisas?) supor, em uma fábula racional, que as Músicas eram filhas de Júpiter e da Memória. Daí vem o nome Música, dessa arte que aciona os sentidos e o intelecto.

Capítulo XLII

A razão trabalhou em seguida para os olhos.

Percorrendo então a terra e o céu, ela sentiu que nada lhe era mais agradável do que a beleza e que o que lhe agradava na beleza eram as formas; nas formas, a proporção e na proporção, os números.

Ela examinou então se a linha, se a circunferência, se qualquer outra forma e qualquer outra figura eram, na realidade, o que elas eram

no intelecto. Mas ela descobriu que elas eram bem inferiores e que não havia nenhuma comparação entre o que captam os sentidos e o que está no domínio do pensamento. Ela aprofundou essas observações, as colocou em ordem e criou uma ciência que chamou de geometria.

O movimento nos céus a impressionou e ela se sentiu levada a considerar isso com atenção. Lá também, nas singulares vicissitudes do tempo, no curso invariável e limitado dos astros, nos intervalos regulares que os separam, ela percebeu que as medidas e os números também dominavam. Resumindo tudo em definições e divisões, ela criou a astronomia; esse grande argumento para os religiosos e tormento para os curiosos.

Capítulo XLIII

Por toda parte então se apresentavam a ela nessas ciências, mas eles lhe apareciam com mais clareza nas proporções, em que via a absoluta verdade, através da reflexão e a meditação e que as coisas sensíveis só apresentam sombras e alguns traços.

Ela se anima então, se encoraja e resolve provar que a alma é imortal. Ela considera tudo com cuidado, se reconhece dotada de um grande poder, mas compreende, no entanto, que não podia nada só com os números. Impressionada com essa maravilha, ela se pergunta se não era o próprio número que não se aplica a tudo ou se esse número não estava onde ela procurava.

Ela se agarra com todas as suas forças a esse número que deveria lhe revelar a verdade. Mas, não estava em suas mãos esse Proteu que Alípio mencionou quando falamos dos Acadêmicos³⁰.

De fato, as falsas imagens das coisas exteriores que contamos e que são produzidas pelo número secreto que dirige nossos cálculos, absorvem o pensamento e fazem geralmente desaparecer esse número quando o compreendemos.

Capítulo XLIV

Quando não se sucumbiu diante dessas dificuldades, quando reduziu-se à unidade real e verdadeira tantas noções diversas recolhidas em todas as ciências, quando se merece o qualificativo de pessoa instruída, pode-se então, sem temeridade, buscar, não apenas acreditar, mas contemplar, compreender e possuir as coisas divinas.

Por outro lado, se ainda se é escravo das paixões. Suspira-se por coisas percíveis. Se, embora se afaste desses falsos bens e se viva na castidade, ignora-se o que se entende por nada, matéria informe e formas inanimadas. Se não se tem uma ideia justa de corpo, da beleza corpórea, de espaço, de tempo, do que está no espaço e no tempo, do movimento local e não local, do movimento estável e da imortalidade. Se não se sabe o que é estar em algum lugar sem estar no espaço, o que é ser no tempo e ser para sempre, o que é nunca ser e não ser jamais. Se, apesar de tanta ignorância, se quer discutir e raciocinar, eu não digo

³⁰ *Contra os acadêmicos*, livro II, cap. 11.

sobre o grande Deus que se conhece melhor quando sabemos que não o conhecemos, mas sobre a própria alma, caímos em todo tipo de erro possível.

Saberemos a resposta a todas estas questões se compreendermos os números abstratos e inteligíveis e, para compreendê-los, é preciso força na mente, o tempo livre adquirido com a idade ou uma situação favorável e um ardente amor pelo estudo.

É preciso também ter percorrido convenientemente e com ordem as ciências que acabamos de mencionar, pois todas estas artes liberais dizem respeito aos costumes da vida ou ao conhecimento e contemplação da verdade. É muito difícil se exercitar nelas se não se tem muita inteligência e se dedica a elas desde cedo, com muito entusiasmo e toda a perseverança que se é capaz.

Capítulo XLV

O que há em tudo isso de necessário ao objetivo que buscamos?

Eu te peço, minha mãe, não se assuste com a visão dessa selva imensa. Tiraremos daí um número bem pequeno de ideias essenciais e gerais. Para muitos, é verdade, elas serão difíceis de compreender, mas, para você, cuja mente a cada dia me parece renovado; para você, cujo coração sei que atingiu, com a idade, uma temperança maravilhosa e um mais vivo horror a qualquer frivolidade e que está acima de qualquer corrupção carnal e até dele mesmo, essas ideias serão tão fáceis quanto são difíceis aos de mente pesada e almas mergulhadas na ignomínia.

Eu estaria mentindo, se lhe promettesse utilizar uma linguagem inteiramente pura. Apesar da urgente necessidade que me obrigou estudar essas matérias, os italianos me censuram frequentemente por pronunciar mal certas palavras. É verdade que eu mesmo lhes faço tais censuras, pois, uma coisa é a certeza que dá a ciência e outra é aquela que dá o país.

É mesmo possível que o ouvido atento dos sábios surpreenda em minha linguagem o que chamamos de solecismo. Eu me recordo que já fizeram tal observação, com muita habilidade, até mesmo em Cícero.

Quanto aos barbarismos, os vemos tanto hoje em dia que o discurso que salvou Roma parece um espinheiro.

Quanto a você, desprezando essas questões pueris e estranhas, você conhece tão bem a natureza e o poder quase divino da gramática que você parece, aos olhos dos mais doutos, ter-lhe tirado a alma e jogado fora o cadáver.

Capítulo XLVI

Eu poderia mencionar outro tanto de artes liberais. Se então você tem por elas um profundo desdém, eu a aconselho __ na medida em que eu posso fazê-lo como seu filho e na medida em que você me permite __ que conserve com prudência e firmeza a fé que você retirou dos augustos mistérios e persevere com força e com cuidado na vida que você leva.

Veja algumas questões muito obscuras e, no entanto, divinas:

Deus não é o autor do mal e, além disso, ele é onipotente. Como então existe tanto mal?

Por que Deus criou o mundo, se ele não precisa dele?

O mal existiu sempre ou começou com o tempo?

Se o mal sempre existiu, ele estava nas mãos de Deus? Se estava, este mundo também sempre existiu? Ele existiu sempre como o teatro onde Deus domava o mal, conduzindo-o à ordem?

Se, pelo contrário, o mundo teve um começo, como, antes de sua formação, o mal era mantido sob o poder divino?

Que necessidade havia de construir este mundo e de colocar nele o mal para atormentar as almas?

Se supusermos um tempo em que o mal não estava sob o poder divino, que mudança aconteceu subitamente após tantos séculos?

Seria, não digo uma impiedade, mas uma extravagância, afirmar que Deus se fixou em um projeto novo e pretender, como alguns, que ele estava importunado e como que fatigado com o mal? Isto provocaria o riso de qualquer pessoa culta e a crítica dos próprios ignorantes. Como, de fato, poderia prejudicar Deus essa espécie de má natureza?

Se admitimos que ela não pôde, então, por que construir o mundo?

Sustentamos que ela foi capaz? Que imperdoável erro acreditar que Deus possa ser ferido e que sua força não possa preservar sua própria natureza diante dos ataques do mal, como ela não preserva as almas que ousam confundir a natureza com a natureza divina!

Diremos que este mundo não foi criado? Isto seria uma impiedade e uma ingratidão, pois isto resultaria que Deus não o formou.

Ora, é preciso percorrer com ordem os estudos que mencionamos, para se ocupar com estas questões e questões semelhantes, sem o que, é preciso desistir.

Capítulo XLVII

Para afastar de nós a acusação de termos nos estendido muito, faço um resumo mais nítido.

Digo então que ninguém deve aspirar resolver estas questões se não conhece a argumentação e o poder dos números.

Avaliamos que isto é muito? Que se saiba ao menos os números ou a dialética.

Ainda é muito? Que se saiba ao menos perfeitamente a natureza e o valor da unidade numérica. Não considerando-a na lei suprema e na ordem soberana que rege o universo, mas em tudo o que fazemos e experimentamos a cada dia.

De fato, a filosofia precisou deste conhecimento e ela se baseia, em resumo, na unidade, mas na unidade absoluta e divina. Ela tem duas questões para resolver: uma diz respeito à alma e a outra diz respeito a Deus. A primeira nos ajuda a nos conhecermos. A segunda a conhecer nossa origem. Uma é mais agradável e a outra é mais preciosa. Uma nos torna dignos da vida bem-aventurada e a outra nos torna feliz. A primei-

ra é para aqueles que se instruem e a segunda para aqueles que são instruídos.

Esta é a ordem segunda a qual devemos estudar a sabedoria para chegar a compreender a ordem universal. Ou seja, para conhecer os dois mundos e o próprio Pai do universo, que a alma só conhece sabendo como ela não o conhece.

Capítulo XLVIII

Quando a alma, após ter percorrido esta ordem, se aplica à filosofia, ela começa por examinar a ela mesma. Seus estudos precedentes lhe ensinaram que ela tem ou que ela é a razão, que na razão ele não tem nada de melhor nem de mais forte que os números ou mesmo que o número e a própria razão.

Que a alma utilize então a seguinte linguagem.

Por um ato interior e secreto eu posso analisar e encadear o que eu devo aprender. Essa faculdade se chama minha razão.

Mas, que devo submeter à análise, se não é o que parece um não-ser ou o que é menos do que parece?

E por que recorrer à síntese, se não é para estabelecer a unidade, na medida em que isso é possível?

Se então eu emprego a análise ou a síntese, é a unidade que eu procuro, é a unidade que eu amo.

Pela análise eu quero torná-la pura. Pela síntese eu quero assegurar sua integridade. A análise afasta os elementos estranhos. A síntese

reúne as partes homogêneas. É de uma parte à outra que se chega à perfeição da unidade.

Para formar uma pedra, não foi preciso reunir todas as partes e condensar todos os seus elementos?

Uma árvore seria uma árvore se não fosse um?

E os membros e os órgãos interiores e todas as outras partes integrantes de um ser vivo? Ninguém duvida de que, se a unidade se rompe, o ser vivo perece.

O que procuram os amigos, se não é se reunir? E não são eles tão amigos quanto mais unidos são?

Um povo é como uma grande cidade que deve temer as dissensões. Mas as dissensões não são diversidades de sentimentos?

Muitos soldados formam um exército. Essa multidão não é tão invencível quanto mais unida ela é?

Aquilo que se encontra no um é chamado de cunha (*cuneus*). Isto é quase o mesmo que dizer juntos no um (*couneus*).

E o amor, em seus vários aspectos? Ele não quer se unir ao que ama e sempre o faz quando pode?

Quando é que os prazeres dos sentidos são mais vivamente sentidos? Não é quando há união entre os corpos que se amam?

O que há de nocivo na dor? Não é seu trabalho em separar o que estava unido? Portanto, é funesto e perigoso se unir a objetos dos quais se pode ser separado.

Capítulo XLIX

Aqui estão numerosos materiais aos meus pés. Eu os reúno em uma forma comum e faço com eles uma casa. Eu tenho mais valor do que esta casa, pois eu a fiz e ela foi feita. Sim, eu sou de uma natureza superior a dela, pelo próprio fato de que eu a fiz. Quanto a isto, não há dúvida. Mas, daí não segue que eu sou superior à andorinha e até meso à abelha. A primeira constrói artisticamente seus ninhos e a segunda, suas colmeias. Eu lhes sou superior por que sou racional.

No entanto, se a razão consiste em observar proporções adequadas, há proporções mais adequadas e mais precisas do que as que fabricam os pássaros? Tudo neles não é exatamente medido? Se então, eu sou superior a eles, não é ao trabalhar com os números, mas por conhecer os números.

Como então esses pequenos seres podem, sem conhecer os números, trabalhar com eles? Eles podem fazê-lo, certamente. Como explicar isso? Da mesma forma como nós, para falarmos, movemos a língua de uma maneira determinada contra os dentes e o palato, sem, no entanto, nos darmos conta do movimento que devemos fazer.

Observe um bom cantor. Ele ignora a música, mas, por dom natural, mantém, ao cantar, o ritmo e a melodia conservada na memória. Pode haver algo melhor proporcionado? Mas ele não se dá conta de nada e age sob o impulso da natureza.

No que então ele é superior aos animais? No fato de que ele sabe o que faz. Assim, a única distinção que me ergue acima dos seres sem razão é que eu sou um animal racional.

Capítulo L

Eu sou racional, mas também sou mortal. Como então a razão pode ser imortal? Ou ela não é imortal?

O um está para o dois como o dois está para o quatro. Eis uma proporção absolutamente verdadeira. Ontem ela não era mais verdadeira do que é hoje; nem amanhã e nem daqui a um ano ela será mais verdadeira. Pode até este mundo acabar, mas jamais esta proporção deixará de ser verdadeira. De fato, ela é sempre a mesma, enquanto que o mundo não teve ontem e não terá amanhã o que tem hoje. Hoje mesmo, o sol não estará, nem mesmo por uma hora, na mesma posição com relação ao mundo e nada nele permanece. Não, nada permanece um só instante no mesmo estado.

Se então, a razão é imortal e se eu sou a razão; eu, que distingo estes princípios e que estabeleço estas conclusões, o que em mim é mortal não sou eu.

Se, pelo contrário, a alma não é a razão, mas faz uso dela e se é a razão que faz minha dignidade, eu devo deixar o que é menos bom para o que é melhor, o que é mortal pelo que é imortal.

Estas e outras também são as reflexões que a alma bem cultivada faz sozinha.

Eu não quero prosseguir, pois, ao procurar mostrar-lhes a ordem, eu poderia ultrapassar a medida que produz a ordem.

Mantida então, não apenas pela fé, mas também por sua razão fortificada, a alma se forma nos bons costumes e na vida perfeita. Quando ela considera atentamente o valor e o poder dos números, parece-lhe indigno e estranhamente deplorável saber recitar fluentemente um verso e tocar harmoniosamente uma harpa, enquanto que ela deixa sua vida e ela mesma se desviar do caminho e que, ao sopro das paixões, o ruído vergonhoso dos vícios estabelece nela o mais gritante desacordo.

Capítulo LI

Quando ela tiver estabelecido nela a regra, a ordem, a harmonia e a beleza, ela ousará contemplar o próprio Deus; essa fonte fecunda de toda verdade; o próprio Pai da Verdade.

Grande Deus! Como serão então esses olhos? Quanta pureza, quanta beleza, quanto vigor, quanta força, quanta serenidade, quanta felicidade haverá neles?

E o objeto que eles contemplarão, o que é? O que é, eu lhe pergunto? O que pensar dele, compará-lo com o que, o que dizer dele? Longe daqui os termos comuns; seu uso macularia. Tudo o que posso dizer é que nos prometem a visão dessa beleza; ao reflexo da qual tudo é belo; em comparação com a qual tudo é feio.

Basta, para vê-la, viver bem, rezar bem, estudar bem. Uma vez em sua presença, não o perturbará o fato de que alguém deseja filhos e não

os tem; por que outro os tem bastante e os exhibe; por que aqueloutro os odeia antes que eles nasçam, mas, uma vez nascidos, os amam sinceramente. Compreenderá então não ser absurdo que nada acontece que não seja em Deus, no qual tudo tem sua necessária razão de ser e que, no entanto, não se reza em vão.

Como, enfim, a pessoa justa se admirará com as dificuldades, os perigos, os desgostos e os encantos da sorte? Neste mundo sensível é preciso, é verdade, considerar com cuidado o que se entende por tempo e espaço. Compreender que, se há no tempo ou no espaço partes que agradam, o todo é muito mais agradável ainda e que, se há partes que desagradam, é unicamente __ como observa uma pessoa esclarecida __ por que não vemos o todo com o qual elas se harmonizam maravilhosamente. Mas, neste mundo inteligível, cada parte é tão bela e tão perfeita quanto o todo.

Trataremos mais completamente destas questões, contanto que vocês prossigam em seus estudos e que sigam seriamente e com constância __ como lhes peço e como espero __ a ordem que acabamos de mencionar. Talvez vocês possam aderir a uma outra que seja mais curta e mais fácil. Mas é preciso que ela conduza diretamente ao objetivo.

Capítulo LII

Para conseguirmos isso, apliquemo-nos com todas as nossas forças na melhoria de nossas vidas. Caso contrário, nosso Deus não poderá

nos atender, enquanto que ele atende facilmente aqueles cuja vida é boa³¹.

Rezemos então, não para obter riquezas, honras e nem bens frágeis e perecíveis que nenhum esforço pode conservar, mas para obter o que nos torna bons e felizes.

A você, principalmente, minha mãe, para que mereçamos o cumprimento generoso de seus desejos. Foi por suas preces __ eu creio sem hesitar e certifico isso __ que Deus me concedeu de não preferir absolutamente nada que não fosse a busca da verdade e de só querer, de só buscar, de só amar a ela. Também não deixo de acreditar que, após ter obtido com seus méritos o desejo de um bem tão grande, você nos obterá ainda, com suas preces, o desfrute da felicidade.

E você, Alípio, que exortação e conselho pode te dar? Se seu ardor não me parece muito vivo, é por que, longe de ser excessivo, o amor mais inflamado por esse tipo de bens não é jamais suficiente.

Capítulo LIII

Tomando então a palavra, disse Alípio:

Algumas vezes a memória dos sábios e das grandes pessoas nos parece de uma incrível extensão, mas suas reflexões de cada dia e a admiração que agora você provoca em nós não nos permitem colocá-la em dúvida. Poderíamos mesmo, se fosse preciso, jurar que ela é prodigiosa.

³¹ Cf. *Revisões*, Livro I, cap. III.

Você não acaba, de fato, de nos colocar, de alguma forma, sob os olhos, a doutrina venerável e quase divina, que se tem razão em atribuir a Pitágoras e que é certamente dele?³²

Você nos mostrou em poucas palavras quais regras devem dirigir nossa vida, quais caminhos devem conduzir à ciência, ou melhor, quais são as planícies e os vastos mares onde ela se diverte. Você nos fez mesmo conhecer o que inspirou para com esse filósofo um respeito tão profundo, onde está e qual é o santuário da verdade e o que é preciso ser para buscá-lo e penetrá-lo.

Por mais completo que seja hoje seu ensino, suspeitamos e acreditamos mesmo que você conhece também segredos mais íntimos. Mas, seria falta de cortesia de nossa parte, achar que devemos lhe fazer mais perguntas.

Capítulo XIV

Eu retomei:

Eu te escuto com alegria, pois, o que me agrada, o que me encoraja, não é a falta de verdade de suas palavras, mas o afeto sincero que elas expressam. Justamente temos o propósito de enviar estes escritos a uma pessoa que tem o hábito de dizer com prazer muitas mentiras quando fala de nós. Se outros vierem a lê-los, não temo também que eles te censurem. Quem não perdoa de boa vontade o erro cometido ao julgar um amigo?

³² Cf. *Retratações*, livro I, cap. 3.

Ao mencionar Pitágoras, você obedeceu não sei que ordem secreta e divina. Eu tinha, de fato, me esquecido de uma coisa muito importante e que eu louvo a cada dia, você sabe³³. É que, se devemos dar fé à história, como não acreditar em Varrão?

Este grande homem só ensinava em último lugar a ciência do governo. Ele queria antes que seus discípulos já fossem instruídos, já perfeitos, já sábios, já felizes. Ele via no governo tempestades tão grandes que ele só queria expor a elas pessoas capazes de evitar os escolhos com uma sabedoria quase divina e, se fosse preciso, de interromper sozinho as ondas.

Somente do sábio se pode dizer com toda a verdade: *Como uma rocha imóvel, ele resiste às tempestades*³⁴ e tudo o que expressam, no mesmo sentido, os belos versos seguintes.

Aqui termina a conversa e, totalmente cheios de alegria e esperança, nos levantamos e encerramos a reunião, quando já tinham trazido as tochas.



³³ Cf. *Retratações*, livro I, cap. 3.

³⁴ Virgílio. *Eneida*, livro III, versos 585-689.

Créditos

De ordine.

© 386 Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018 Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Tradução de Souza Campos, E. L. de, de *De L'ordre*, tradução do latim de M. Abbé Raulx, em *œuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1869.

Cotejado com *El orden*. Tradução de P. Victorino Capánaga, OAR.

e

L'ordine.

Conteúdo

A ordem	2
Introdução	2
1	2
2	2
3	4
Livro I	5
Capítulo I	5
Capítulo II	6
Capítulo III	7
Capítulo IV	8
Capítulo V	9
Capítulo VI	10
Capítulo VII	11
Capítulo VIII	12
Capítulo IX	13
Capítulo X	14
Capítulo XI	16
Capítulo XII	17
Capítulo XIII	18
Capítulo XIV	19
Capítulo XV	21
Capítulo XVI	22
Capítulo XVII	23
Capítulo XVIII	24
Capítulo XIX	25
Capítulo XX	26
Capítulo XXI	27
Capítulo XXII	28
Capítulo XXIII	29
Capítulo XXIV	30
Capítulo XXV	32
Capítulo XXVI	33
Capítulo XXVII	34

Capítulo XXVIII	36
Capítulo XXIX	36
Capítulo XXX	39
Capítulo XXXI	40
Capítulo XXXII	43
Capítulo XXXIII	44
Livro II	45
Capítulo I	45
Capítulo II	45
Capítulo III	47
Capítulo IV	50
Capítulo V	51
Capítulo VI	53
Capítulo VII	54
Capítulo VIII	57
Capítulo IX	59
Capítulo X	60
Capítulo XI	62
Capítulo XII	63
Capítulo XIII	64
Capítulo XIV	66
Capítulo XV	67
Capítulo XVI	68
Capítulo XVII	69
Capítulo XVIII	70
Capítulo XIX	71
Capítulo XX	73
Capítulo XXI	74
Capítulo XXII	75
Capítulo XXIII	77
Capítulo XXIV	79
Capítulo XXV	80
Capítulo XXVI	82
Capítulo XXVII	83
Capítulo XXVIII	85
Capítulo XXIX	86

Capítulo XXX	88
Capítulo XXXI	88
Capítulo XXXII	90
Capítulo XXXIII	91
Capítulo XXXIV	92
Capítulo XXXV	94
Capítulo XXXVI	95
Capítulo XXXVII	96
Capítulo XXXVIII	97
Capítulo XXXIX	98
Capítulo XL	99
Capítulo XLI	100
Capítulo XLII	100
Capítulo XLIII	101
Capítulo XLIV	102
Capítulo XLV	103
Capítulo XLVI	104
Capítulo XLVII	106
Capítulo XLVIII	107
Capítulo XLIX	109
Capítulo L	110
Capítulo LI	111
Capítulo LII	112
Capítulo LIII	113
Capítulo XIV	114
Créditos	116
Conteúdo	117